

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Filipe Carvalho Kunrath

**O WhatsApp na rotina de trabalho do repórter esportivo:
um estudo com profissionais das rádios Gaúcha e Grenal**

Porto Alegre

2017

Filipe Carvalho Kunrath

**O WhatsApp na rotina de trabalho do repórter esportivo:
um estudo com profissionais das rádios Gaúcha e Grenal**

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto

Porto Alegre
2017

Filipe Carvalho Kunrath

O WhatsApp na rotina de trabalho do repórter esportivo:
um estudo com profissionais das rádios Gaúcha e Grenal

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Aprovado em: _____

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto (orientador) – UFRGS

Prof^ª. Aline do Amaral Garcia Strelow - UFRGS

Prof^ª. Thais Helena Furtado - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Delmar Antônio Kunrath e Neusa Maria Carvalho, pelo esforço que desempenharam para que o ciclo da faculdade fosse cumprido. Ao meu irmão, Gabriel Carvalho Kunrath, por ter me auxiliado com as transcrições das entrevistas e em outros detalhes deste trabalho. A minha dinda, Zuleika Santos, que me ajudou nas correções ortográficas necessárias. Aos meus colegas de Fabico, pelos últimos 5 anos, pelos eventuais auxílios e parcerias em cadeiras, mas principalmente pelas amizades que ficaram. Aos amigos e colegas das Rádios Gaúcha e Grenal, em especial Diogo Rossi, José Alberto Andrade, Matheus D'Ávila, Rodrigo Oliveira e Sérgio Boaz, que disponibilizaram o seu tempo para análise nesta monografia. Ao professor e orientador deste trabalho, Luiz Artur Ferraretto, por toda a paciência e atenção, mesmo que às vezes eu não merecesse, durante todo o processo desta produção. Por fim, um agradecimento especial ao meu dindo, Celso Kunrath, por ter me acolhido em Porto Alegre no início de toda esta caminhada.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo compreender como a rotina de trabalho e os processos produtivos dos repórteres de radiojornalismo esportivo são afetados pelo uso do WhatsApp. Nesta perspectiva, busca-se identificar as alterações no dia a dia decorrentes da utilização da ferramenta, entender a percepção de jornalistas quanto às modificações e analisar criticamente às influências do aplicativo no trabalho dos repórteres. Para tanto, a metodologia escolhida foi o *newsmaking*, a partir das ideias descritas por Wolf (2006), com observação participante, para conhecer os momentos de uso do aplicativo durante a rotina de trabalho; e entrevistas em profundidade, para compreender o entendimento dos profissionais quanto às utilizações e às potencialidades do aplicativo. Dentro deste contexto, foram acompanhados e entrevistados jornalistas das rádios Gaúcha e Grenal: Diogo Rossi (Grenal), José Alberto Andrade (Gaúcha), Matheus D'Ávila (Grenal), Rodrigo Oliveira (Gaúcha) e Sérgio Boaz (Gaúcha). Durante o processo, foi possível perceber que a rotina dos repórteres alterou-se em função do uso do aplicativo, principalmente no que diz respeito a velocidade nos contatos internos e com as fontes. Além disso, o WhatsApp se tornou uma ferramenta fundamental para as agendas dos profissionais. Entretanto, há algumas preocupações quanto ao uso do aplicativo. Por exemplo, é cada vez mais difícil que os jornalistas dissociem o âmbito profissional do pessoal, enquanto utilizam a ferramenta, fato que gera indefinição quanto a carga horária de trabalho exercida pelo repórter. O referencial teórico adotado é o da economia política da comunicação, com base em Mosco (1998) e Matterlart e Mattelart (1997). Para uma análise consistente, foi necessária a contextualização do rádio na atualidade, em um momento de convergência midiática. Além disso, tornou-se fundamental a construção de uma linha do tempo evolutiva das transformações pelas quais o meio passou desde a sua invenção.

Palavras-Chave: WhatsApp; Rádio; Rotina de trabalho; Rádio Gaúcha; Rádio Grenal.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 A NOVA REALIDADE DO RÁDIO: UMA ABORDAGEM TEÓRICA | 12 |
| 2.1 A realidade dos meios de comunicação e a relação com o ouvinte no rádio contemporâneo | 15 |
| 2.2 O rádio na sua fase de convergência | 17 |
| 3 NEWSMAKING COMO METODOLOGIA PARA ENTENDER A ROTINA DO REPÓRTER DE RÁDIO NA ATUALIDADE | 24 |
| 3.1 Observação e pesquisa participante..... | 27 |
| 3.2 Entrevista em profundidade | 28 |
| 4 ROTINAS PRODUTIVAS NO RÁDIO E O JORNALISTA MULTITAREFA | 30 |
| 5 O WHATSAPP NA ROTINA DE TRABALHO DOS REPÓRTERES ESPORTIVOS DAS RÁDIOS GAÚCHA E GRENAL | 35 |
| 5.1 Descrição analítica das rotinas produtivas dos repórteres das rádios Gaúcha e Grenal.36 | |
| 5.1.1 Matheus D'Ávila | 36 |
| 5.1.2 Diogo Rossi | 42 |
| 5.1.3 Rodrigo Oliveira..... | 46 |
| 5.1.4 José Alberto Andrade | 51 |
| 5.1.5 Sérgio Boaz..... | 57 |
| 5.2 Divergências e convergências no uso do WhatsApp pelos repórteres das rádios Gaúcha e Grenal | 61 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 65 |
| 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 70 |

1 INTRODUÇÃO

De uma forma geral, as novas tecnologias modificam os processos produtivos no rádio e no jornalismo sempre que surgem e se desenvolvem. O aprimoramento da qualidade de som; a invenção do transistor, que permitiu a possibilidade de tanto o ouvinte quanto o repórter possuírem um aparelho portátil para ouvir ou dar a informação; o advento da máquina de escrever e posteriormente do computador, para produção de roteiros; a telefonia móvel; e a internet, que trouxe notícias de diversos lugares do mundo são alguns exemplos que transformaram as rotinas dentro de uma rádio. Essas tecnologias mudaram a forma de se fazer rádio, mas também de se fazer jornalismo, já que as inovações remodelam constantemente o dia a dia do jornalista. A partir desta ideia central, o presente trabalho se propõe a observar e discutir as alterações geradas na rotina dos repórteres de rádio esportivo com a utilização do WhatsApp em sua atividade profissional¹.

Em meio às novas tecnologias na fase de convergência, o aplicativo é mais uma das ferramentas que auxiliam o jornalista no processo de obtenção da notícia, assim como na transmissão da informação ao ouvinte. Para entender as alterações geradas no dia a dia do repórter, a metodologia parte do *newsmaking*, repassando as rotinas produtivas e as relações com as fontes, através de observação participante e entrevistas semiestruturadas, como explica Wolf (2006, p.178). O autor utiliza-se da definição de *gatekeeper*, com o jornalista tendo a possibilidade de recusar e selecionar a informação, a partir de um sistema de regras usualmente pré-definidas. Em consonância, também nos traz justamente os estudos de *newsmaking*, que em primeira instância, buscam analisar “a lógica dos processos pelos quais a comunicação é produzida e o tipo de organização do trabalho dentro do qual se efetua a construção das mensagens” (Wolf, 2006, p.179). Por isso, o *newsmaking* se torna fundamental como método para entender as modificações geradas na rotina de trabalho dos repórteres de rádio esportivo, a partir do uso do WhatsApp em seu dia a dia, através das três fases principais dos processos de obtenção da notícia definidos por Wolf (2006, p. 218): a recolha, a seleção e a apresentação. Contudo, é importante também destacar o pensamento de Schlesinger (apud WOLF, 1978, p. 187-188), que diz que, “em geral, a produção das notícias entrou em rotina, as próprias rotinas são continuamente corrigidas e seus elementos

¹ O autor trabalha atualmente como repórter esportivo na Rádio Grenal. Além disso, atuou por dois anos como produtor do Departamento de Esportes na Rádio Gaúcha, fatos que, guardados os cuidados éticos e metodológicos, motivaram esta pesquisa.

estabelecem novas relações”. Afirmção que apenas corrobora com um dos objetivos deste trabalho, que é mostrar como as próprias rotinas produtivas são corrigidas, neste caso, alteradas por conta de uma nova tecnologia da informação.

Para entender as modificações já citadas, foram acompanhados cinco jornalistas esportivos, que trabalham em rádios de Porto Alegre. As rádios Gaúcha e Grenal, por serem duas das principais emissoras dentro do segmento esportivo, são as escolhidas para este estudo. A Gaúcha será representada pelos repórteres José Alberto Andrade, Rodrigo Oliveira e Sérgio Boaz, enquanto a Grenal, pelos jornalistas Diogo Rossi e Matheus D’Ávila. A definição dos profissionais procurou abranger jornalistas experientes, casos de José Alberto Andrade (52 anos, há 32 na profissão), Sérgio Boaz (55 anos, há 30 na profissão), jovens repórteres, Diogo Rossi (24 anos, há 6 na profissão) e Matheus D’Ávila (23 anos, há 5 na profissão), além de um profissional que pode ser considerado intermediário, entre os novos e antigos repórteres, Rodrigo Oliveira (28 anos, há 10 na profissão). O objetivo destas escolhas é compreender a percepção dos jornalistas que passaram por diferentes rotinas produtivas dentro de suas carreiras, alguns observaram a influência de diversas tecnologias no trabalho, outros nem tanto.

Dentro deste acompanhamento, foram realizadas entrevistas semiabertas em profundidade, para entender a percepção prévia dos repórteres quanto ao tema, de acordo com suas experiências subjetivas (Duarte, 2005). A estruturação semiaberta foi escolhida, pois permite perguntas mais amplas, propícias para aprofundar a questão, mas também delimita algumas áreas de interesse, para que o entrevistador não perca o foco do assunto. Além disso, como as indagações partem de um pressuposto básico, mas não são engessadas, há, portanto, a possibilidade de modificação nas perguntas inicialmente pensadas.

Em paralelo, foi realizada a observação participante, que se justifica a medida que permite ao pesquisador acompanhar o ambiente real de trabalho dos repórteres, e ver, sistematicamente, como as rotinas produtivas realmente acontecem (Peruzzo, 2005, p. 38-39). Além disso, a utilização da observação conjuntamente com as entrevistas, resultou na comparação do discurso com a realidade vivida, para perceber como os profissionais observam as suas rotinas, mas também para ver os momentos em que nem os próprios repórteres se dão conta de uma nova rotina produtiva.

A relevância do trabalho também se justifica na medida em que há poucos registros científicos sobre o tema em questão, de acordo com pesquisa *on-line* realizada nas bibliotecas

e repositórios de instituições como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Maria e Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Os estudos que mais se aproximam do tema não tratam especificamente do WhatsApp, mas de outras tecnologias que modificaram a rotina de trabalho dos repórteres, como, por exemplo, na dissertação de mestrado de Rafael Gomes (2015), que aborda do uso de dispositivos móveis no processo de produção das notícias, através de um estudo de caso na Rádio Independente 950 AM de Lajeado/RS, assim como no dissertação de mestrado de Marizandra Rutilli (2014), que estuda das rotinas produtivas e a relação com as fontes em emissoras de Porto Alegre, dentro de uma lógica da convergência, ambos da UFSM. Geórgia Pelissaro Santos (2013), em dissertação de mestrado na PUCRS, também busca entender as alterações nas rotinas de produção a partir de uma nova tecnologia, o Twitter.

Entretanto, há algumas outras pesquisas que tratam do WhatsApp como ferramenta de interatividade com os ouvintes na fase de convergência, é o caso de duas apresentações do Salão de Iniciação Científica da UFRGS, o primeiro de Paloma Fleck (2015), que analisa o uso das redes sociais das rádios Gaúcha e CBN na relação com seu público, assim como o trabalho de Ricardo Augusto Pereira dos Santos (2015), que analisa dois programas da Rádio Grenal e a interatividade com os ouvintes proposta neles. Além disso, também há duas monografias, ambas da UFRGS, que analisam programas em específico e, dentro disso, a interatividade a partir do uso do aplicativo: Carolina Teixeira (2015) fala da mudança no perfil do programa de debates *Sala de Redação*, da Rádio Gaúcha, que agregou a participação do ouvinte através do WhatsApp, assim como Marina Pagno (2015), que estuda os critérios de noticiabilidade do *Esporte e Cia*, da mesma Gaúcha, com o aplicativo tendo papel fundamental no programa.

Por estes motivos, este trabalho tem como o objetivo principal compreender como a rotina de trabalho e os processos de produção dos repórteres de radiojornalismo esportivo foram modificados pelo uso do WhatsApp. Procurando também responder aos objetivos específicos da pesquisa: (1) identificar as alterações decorrentes do uso do WhatsApp na rotina de trabalho do repórter de radiojornalismo esportivo; (2) analisar no que estas alterações modificam a transmissão de informação aos ouvintes das principais rádios do segmento esportivo em Porto Alegre; e (3) entender a percepção dos profissionais quanto a estas mudanças.

A base teórica é a economia política da comunicação, conforme os parâmetros apresentados principalmente por Mattelart e Mattelart (1997), Mosco (1998) e Fonseca (2007). Neste ponto, toma-se como base a definição proposta por Mosco (1998) de que “em sentido estrito, economia política é o estudo das relações sociais, particularmente as relações de poder, que mutuamente constituem a produção, distribuição e consumo de recursos, incluindo os recursos informacionais”.

A economia política da comunicação tem buscado compreender as mudanças sociais e as transformações históricas no mundo. Dentro disso, estão o desenvolvimento das novas tecnologias de informação e as transformações no capitalismo no decorrer do último século. Ou seja, os estudos buscam entender a comunicação como um negócio, com suas rotinas produtivas e relações com a sociedade, além das mecânicas das empresas no mundo capitalista cada vez mais internacionalizado, e que foi influenciado hierarquicamente pelas culturas norte-americanas. Aqui, é importante ressaltar que a economia política da comunicação não tem como ponto central a ideia de uma única indústria cultural, mas sim, indústrias culturais, que se modificam de acordo com as questões econômicas, políticas, sociais e de produção de cada época ou lugar, visto em Mosco (1998).

Por fim, o estudo está dividido em seis capítulos, começando por este – (1) *Introdução* –, seguindo-se: (2) *A nova realidade do rádio: uma abordagem teórica*, que situa o meio, em um período de mudanças tecnológicas e mercadológicas no negócio da informação, perante os estudos da economia política da comunicação, trabalhando com conceitos como fase da convergência (FERRARETTO, 2014) e rádio hipermediático (LOPEZ, 2010), além das concepções apresentadas por Cebrían Herreros (2011) e Eduardo Medistch (2010) e Marcelo Kischinevsky (2016) quanto ao futuro do meio; (3) *Newsmaking como metodologia para entender o rádio na atualidade*, já base da ida a campo como descrita anteriormente; (4) *Rotinas produtivas no rádio e o jornalista multitarefa*, buscando entender o que já foi estudado sobre o dia a dia de quem trabalha no meio, para observar as mudanças pertinentes ao uso do novo aplicativo; (5) *O uso do WhatsApp no trabalho dos repórteres das rádios Gaúcha e Grenal*, capítulo destinado às entrevistas e dados obtidos através da observação-participante, com um compilado dos pontos mais importantes, além da reflexão do autor e dos profissionais observados a partir das informações obtidas; e (6) *Considerações Finais*, com uma análise dos resultados colhidos e das implicações que o aplicativo gerou nas rotinas produtivas dos jornalistas esportivos analisados das rádios de Porto Alegre,

procurando certo nível de generalização dentro dos parâmetros da pesquisa.

2 A NOVA REALIDADE DO RÁDIO: UMA ABORDAGEM TEÓRICA

Nas últimas décadas, os estudos da economia política da comunicação tentam compreender as mudanças sociais e as transformações históricas geradas nas indústrias culturais, a partir da remodelação das empresas, com o capitalismo como base. Tendo como referência a descrição de Vicent Mosco (1998, p. 98), de que “em sentido estrito, economia política é o estudo das relações sociais, particularmente as relações de poder, que mutuamente constituem a produção, distribuição e consumo de recursos, incluindo os recursos informacionais”, busca-se, portanto, refletir a comunicação como um negócio, com seus avanços e modificações, em uma realidade de reestruturação do capitalismo, com um mundo cada vez mais globalizado. Analisando também as rotinas produtivas que constituem essa indústria da informação, observando o desenvolvimento das novas tecnologias e qual seu impacto na relação com a sociedade atual.

Antes de mais nada, é importante salientar que a economia política considera a existência de diversas indústrias culturais, cada uma com sua característica única, produzida por todos os atores sociais, não apenas por uma elite privilegiada, independentemente de classe social, gênero ou mesmo localização (MOSCO, 1998, p. 111). Portanto, a economia política não corrobora com o conceito frankfurtiano de uma única e exclusiva indústria cultural.

Refutam a ideia, muito estimada pela escola de Frankfurt, segundo a qual a produção da mercadoria cultural (livro, disco, cinema, televisão, imprensa, etc.) responde a uma única e mesma lógica. Para eles, a história cultural não existe em si: é um conjunto composto, feito com elementos que se diferenciam extraordinariamente, com setores que têm suas próprias leis de divulgação. Esta segmentação das formas de rentabilização da produção cultural se traduz nas modalidades de organização do trabalho, na caracterização dos próprios produtos e conteúdos, nas formas de institucionalização das distintas indústrias culturais (serviço público, relação público/privado, etc.), no grau de concentração horizontal e vertical das empresas de produção e distribuição ou ainda na forma com que os consumidores ou usuários se apropriam dos produtos e serviços (MATTELART, 1997, p. 83).

Ou seja, as diversas indústrias culturais são consequência de diferentes processos econômicos e sociais pelo mundo, justamente observando a particularidade de cada caso. A partir da globalização vivida nas últimas décadas, perdeu-se a identidade regional ou nacional, avançando para uma ideia de sistema-mundo, perante as influências do capitalismo internacional que avançam sem respeitar fronteiras (FONSECA, 2007, p. 4), principalmente na figura dos Estados Unidos como referência de dominação cultural (MATTELART, 1997).

Vicent Mosto (1998) faz uma análise da economia política clássica até a

contemporânea, tendo a clássica quatro parâmetros como base: a história, a totalidade social, a filosofia moral e a práxis. A história diz respeito às mudanças sociais e transformações ocorridas no capitalismo e no mundo com o passar do tempo. Também engloba as peculiaridades regionais já citadas neste trabalho, e ainda a transição de uma economia industrial para uma economia de serviços.

Os estudos de informação e meios de comunicação desempenham um importante papel nessa pesquisa, porque suas indústrias e tecnologias são forças primordiais na criação de uma economia de serviços (MOSCO, 1998, p. 99).

O segundo ponto base para Mosco (1998) está na totalidade social, pois a economia política da comunicação tem como característica estudar as relações sociais das esferas econômica, política, social e cultural da vida. Ou seja, o economista político não se limita a um campo específico e único em suas pesquisas, tenta unir disciplinas que tradicionalmente são trabalhadas de forma individual: “O economista político pergunta: como se relacionam poder e riqueza? Como influenciam nossos sistemas de comunicação de massa, informação e entretenimento?” (MOSCO, 1998, p. 99).

A filosofia moral é a terceira perspectiva, na qual os pesquisadores tentam entender os valores que orientam o comportamento social como um todo, e os princípios morais que devem ser preponderantes na busca por mudança. Dentro disso, pretende-se ir além, por exemplo, apenas das questões econômicas ou políticas.

A economia política contemporânea tende para o ponto de vista moral filosófico que coloca em primeiro plano a extensão da democracia a todos os aspectos da vida social. Isto significa ampliar o domínio da política, que garante o direito de participar no governo, também aos campos econômicos, sociais e culturais, onde o poder da riqueza adquire, agora, precedência sobre a equidade e a participação pública (MOSCO, 1998, p. 100).

O último ponto considerado é a práxis social, que, em um sentido estrito, é a unidade fundamental que une o pensar e o fazer. Este é considerado um ponto central, principalmente pelo fato de outras vertentes acadêmicas manterem separadas a pesquisa e a intervenção social. A economia política entende a vida intelectual como um meio de transformação e a intervenção social como uma forma de conhecimento, por isso, mantém o pensar e o fazer em unidade. Neste trabalho, destaca-se a totalidade e a práxis social, unindo as perspectivas acadêmicas com as modificações vistas efetivamente no dia a dia dos repórteres de rádiojornalismo esportivo de Porto Alegre devido ao uso do WhatsApp, levando em conta aspectos como relacionamento entre colegas, fontes e empresa; rotina de trabalho; e até mesmo a vida pessoal do jornalista.

O WhatsApp² é um aplicativo para *smartphones* que propicia a troca de mensagens de arquivos de mídia – textos, áudios, vídeos, documentos, compartilhamento de localização e chamadas de voz – de maneira instantânea e gratuita para todo o mundo, através do uso de internet. A ferramenta foi inventada por Jan Koum e Brian Acton, pesquisadores que atuaram na Yahoo. Em 2014, o aplicativo foi integrado ao grupo Facebook, mas mantendo a operação de forma independente. O WhatsApp possui uma característica importante quanto ao sigilo do aplicativo, atua com criptografia ponta-a-ponta, ou seja, terceiros (incluindo o próprio WhatsApp) não tem acesso as mensagens trocadas pelos usuários em específico.

Vicent Mosco (1998) também busca repensar a economia política da comunicação frente aos avanços recentes, como a crescente globalização, a reconfiguração do capitalismo, as novas tecnologias e a espacialização. O autor trata o estudo da economia política como realista, inclusiva, constitutiva e crítica. Realista por reconhecer as práticas sociais em consonância com os conceitos acadêmicos, ou seja, o pensar e o fazer. Inclusiva pelo fato de não pretender reduzir as práticas sociais a uma única explicação, mas sim a um campo social amplo. Também é constitutiva, pois acredita em um conjunto de processos que atua mutuamente, sem forma linear e que possuem diferentes impactos na vida social. Por fim, é crítica, porque vê o conhecimento como um produto de interações entre diferentes campos do saber (MOSCO, 1998, p.105).

Castells (apud MOSCO, 1998, p. 107) chama atenção para a diminuição da importância do espaço físico, o espaço dos lugares, e a crescente significação dos espaços dos fluxos, afirmando que o mapa do mundo está sendo redesenhado de acordo com fronteiras estabelecidas pelos fluxos de pessoas, bens, serviços e mensagens, trazendo, portanto, o conceito de espacialização. É importante contextualizar, que a espacialização compreende também o processo de globalização mundial das indústrias, principalmente pelo advento das novas tecnologias digitais e de informação, para a modificação contínua nas estruturas, na produção, no *marketing*, na relação com fornecedores, trabalhadores e clientes (MOSCO, 1998, p. 107).

Estas alterações precisam ser observadas na realidade atual, levando em conta as preocupações já expostas a respeito do mundo contemporâneo nos estudos da economia política da comunicação.

² Informações disponíveis em: www.whatsapp.com/about

2.1 A realidade dos meios de comunicação e a relação com o ouvinte no rádio contemporâneo

As relações sociais na atual conjuntura de convergência são modificadas pelas novas tecnologias, que trazem alterações nas interações entre a sociedade como um todo. John B. Thompson (2002) afirma que:

A interação se dissocia do ambiente físico, de tal maneira que os indivíduos podem interagir uns com os outros ainda que não partilhem do mesmo ambiente espaço-temporal. O uso dos meios de comunicação proporciona assim novas formas de interação que se estendem no espaço (e talvez também no tempo) (THOMPSON, 2002, P. 77).

O autor também define três tipos de interação, a face a face, quando as pessoas estão em um mesmo ambiente; a interação mediada, composta por dois indivíduos e mediada por um meio técnico, que permita a transmissão de informação e de conteúdo simbólico, independentemente de fronteiras do tempo e do espaço, ou de ambas; e ainda, a “quase-interação mediada”, a qual trata essencialmente dos meios de comunicação de massa.

Em primeiro lugar, os participantes de uma interação face a face ou de uma interação mediada são orientados para outros específicos, para quem eles produzem ações, afirmações, etc.; mas no caso da quase-interação mediada, as formas simbólicas são produzidas para um número indefinido de receptores potenciais. Em segundo lugar, enquanto a interação face a face e a interação mediada são dialógicas, a quase-interação mediada é monológica, isto é, o fluxo de comunicação é predominantemente de sentido único (THOMPSON, 2002, p. 79)

Diante do termo interação mediada, vale ressaltar um dos objetivos desta monografia, que é observar e discutir as alterações geradas na rotina de trabalho do jornalista a partir da utilização do WhatsApp, uma das tantas ferramentas que auxiliaram neste processo mundial de espacialização, tornando mais fácil a troca de mensagens instantâneas com qualquer lugar do mundo, como visto anteriormente.

Tendo como base as alterações a partir de um mundo “especializado”, há espaço para pensar as modificações ocorridas na indústria da mídia em específico, frente às mudanças geradas pela reestruturação do capitalismo, assim como pelas novas tecnologias de comunicação, que influem diretamente no trabalho das indústrias de informação (FONSECA, 2007, p. 2). No início do século, houve uma quebra de paradigma nos modelos de investimento na mídia como um todo, com isso, há a busca por uma nova forma de tornar o negócio da informação rentável, segundo Fonseca (2007), os economistas políticos têm respondido a essa

perspectiva teórica principalmente pela análise do poder das novas tecnologias de integrar uma divisão global do trabalho.

Diante deste paradigma, Henry Jenkins (2008) traz os conceitos de convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva, para tentar entender um pouco mais as alterações vividas a cada dia, a partir das novas tecnologias. Nesta reconfiguração, praticamente o tempo todo, os consumidores são cortejados e influenciados por diversos suportes midiáticos, por isso, o autor trabalha o consumo como um processo coletivo na atualidade, a partir da convergência.

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2008, p. 27).

Há algum tempo, sempre que surgia uma nova mídia, afirmava-se que a mais antiga iria desaparecer. A convergência trata delas atuando em conjunto, interagindo de formas cada vez mais complexas (JENKINS, 2008, p. 30-31). Esta visão é corroborada, no âmbito do rádio, por Cebrian Herreros (2011, p. 73), quando afirma que a “aparição de uma nova plataforma não supõe de imediato o desaparecimento das anteriores, o que ocorre é a acumulação de modelos e ofertas e são os usuários os que se entregam a umas ou outras. Há uma coexistência de todas as plataformas, ainda que se as submeta a reajustes contínuos”.

Neste ponto, também vale destacar outro termo, que possui este pensamento conjunto: a midiamorfose de Roger Fidler (1998). A midiamorfose é uma forma de pensar sobre a evolução tecnológica dentro dos meios de comunicação como um todo, e não separadamente, refletindo sobre as formas do passado, do presente, as emergentes e as que ainda irão aparecer.

Ao estudar o sistema de comunicação como um todo, veremos que os novos meios não surgem por geração espontânea, nem de modo independente. Aparecem gradualmente pela metamorfose dos meios antigos. E quando emergem novas formas de meios de comunicação, as antigas geralmente não deixam de existir, mas continuam evoluindo e se adaptando (FIDLER, 1998, p. 57).

É relevante também ressaltar que os aparelhos, ou suportes técnicos, não são os pontos de análise neste momento, a convergência se dá na cabeça dos consumidores e nas suas interações sociais. Sendo assim, o desenvolvimento dos novos meios de comunicação não é apenas um jeito de modificar a transmissão de informação entre pessoas, criando novos

tipos de relacionamentos sociais, interações e formas de ação (THOMPSON, 2002, p. 77)

A partir desta visão, é possível observar um novo perfil dos ouvintes de rádio, visto que o meio cada vez mais está integrado em um processo de convergência midiática. Débora Lopez (2010) traz o conceito de rádio hipermidiático, para definir o momento atual vivido pelo meio, e também traçar o perfil deste público cada vez mais ativo.

Agora, ele é ouvinte-internauta. Ao consumir o rádio hipermidiático, busca as informações pontuais e a atualização na comunicação sonora transmitida de maneira síncrona, mas tem um perfil mais dinâmico e ágil, que busca complementações, interação e personalização de conteúdo. Ainda é mais ouvinte que internauta, já que consome a informação em áudio enquanto navega, enquanto lê, enquanto circula pelas redes sociais. Mas é também internauta e quer ter à sua disposição conteúdo em arquivo, produções específicas para web ou para rádio digital, vinculação a redes sociais, aplicativos que lhe permitam inserir conteúdos da emissora em suas páginas pessoais, etc. Esta mudança no perfil do consumidor de rádio leva o comunicador a pensar uma nova dinâmica de produção, uma outra estratégia narrativa, a ampliação dos canais de comunicação e das possibilidades de construção da informação (LOPEZ, 2010 p. 141).

É importante salientar que o rádio hipermidiático não diz respeito apenas ao novo ouvinte, mas também às modificações nas rotinas dos repórteres, na configuração das redações e nas posturas das empresas de comunicação diante desta realidade, contudo, isso será tratado no decorrer deste trabalho.

Dentro dos conceitos expostos, vale lembrar que os sistemas de distribuição no contexto em que estamos inseridos, são apenas uma tecnologia, os meios de comunicação precisam ser entendidos como sistemas culturais. As formas de distribuição são passageiras, diferentemente dos meios de comunicação, mesmo com as dificuldades encontradas na atualidade (JENKINS, 2008, p. 39). A convergência das mídias não pode ser vista a partir de um panorama apenas de mudança tecnológica, ela altera as diversas relações entre indústrias, mercados, gêneros, públicos, entre outros, até porque Henry Jenkins nos lembra: “a convergência refere-se a um processo não a um ponto final”.

2.2 O rádio na sua fase de convergência

De acordo com os objetivos desta monografia, há a necessidade de contextualizar o rádio neste processo de convergência. Nas últimas duas décadas, com o surgimento de novas tecnologias, o meio precisou passar por uma revisão conceitual (FERRARETTO, 2014). Por isso, o rádio passa a ser trabalhado a partir de sua linguagem sonora específica, não estando

mais ligado a tecnologia em si, como já trazido anteriormente com ideia de convergência de Henry Jenkins. Aqui, se trata o meio como uma instituição social, ou ainda mais adequado, uma criação cultural (FERRARETTO, 2014, p.17).

Há mais de uma década, começamos a questionar o conceito de rádio atrelado a uma determinada tecnologia, procurando demonstrar que melhor do que isso seria pensar o rádio como uma instituição social, caracterizada por tecnologias, cristalizada numa instituição. Consideramos hoje melhor ainda pensar esta instituição social como uma criação cultural, com suas leis próprias e sua forma específica de mediação sociotécnica numa analogia ao que propõe a ciência do jornalismo para definir o jornal. Assim como a existência de um jornal não se restringe ao calhamaço de papel impresso que foi publicado hoje, nem ao que foi publicado ontem, mas vincula-se a uma ideia objetivada e apoiada numa instituição social, que permeia e supera a edição de cada dia, a existência de uma emissora de rádio em particular, e do rádio em geral como instituição, não pode mais ser atrelada à natureza dos equipamentos de transmissão e recepção utilizados para lhe dar vida, mas sim à especificidade do fluxo sonoro que proporciona e às relações socioculturais que a partir dele se estabelecem (MEDIS-TCH, 2010, p. 204).

Sendo assim, o rádio entra em um contexto com diversas plataformas de comunicação. Se torna mais profundo, com particularidades e mudanças constantes, por conta da convergência. O rádio não é uma ilha, integra um ecossistema comunicativo em constante mutação, complexo e com adaptações (CEBRÍAN HERREROS, 2011, p. 69)

Esta representação da nova realidade segue a lógica da evolução do rádio como meio. Desde seu início no Brasil, o rádio vem se modificando e se moldando de acordo com as necessidades mercadológicas e do público. Por isso, vale ressaltar uma breve linha do tempo dentro do meio, de acordo com Luiz Artur Ferraretto (2012), podemos dividir o rádio em quatro períodos históricos: implantação, difusão, segmentação e convergência. A implantação diz respeito ao começo do rádio no país, ainda sem grandes pretensões comerciais, começa como um *hobby* para a burguesia da época, com clubes e sociedades mediante pagamento de mensalidades. A programação era basicamente cultural e educativa, de acordo com os preceitos da época.

A fase seguinte, delimitada como difusão, é o momento histórico em que o rádio começa a se tornar comercial, apesar de continuar sendo um serviço público, delimitado pelo governo federal. É o período em que há uma grande expansão do meio, pois as emissoras buscam alcançar a maior parcela do público possível. Devido a isto, a programação é estruturada de acordo com uma média de gosto da população em geral. Até por este motivo, é onde ocorre a profissionalização das emissoras, com funcionários e funções definidas dentro de uma rotina de trabalho (FERRARETTO, 2012).

A seguir, começa a fase da segmentação, já em função do surgimento de uma nova

tecnologia, o rádio precisa mudar sua característica. Neste caso, as TVs tomam conta da programação noturna das famílias. A partir daí, o rádio precisa se reinventar. Para tanto, as emissoras começam a focar as suas iniciativas em conteúdos para determinada parcela do público, buscando um nicho. Neste momento, há, pelo menos, três segmentos: rádio popular (público pobre e marginalizado), rádio musical jovem (estudantes de classe média e alta) e radiojornalismo (adultos das classes A e B, com bom nível de escolaridade). É neste contexto, que há o surgimento dos grandes conglomerados de mídia. Além disso, é o momento em que começa a coloquialidade no rádio, trazendo como figura principal o comunicador. Outro fato importante desta fase, é o surgimento do transistor, uma ferramenta que permite a mobilidade na transmissão, que permite ao rádio estar nos acontecimentos de fato, bem como, a portabilidade do receptor, facilitando a forma de acompanhar a programação. (FERRARETTO, 2012).

Por fim, pelo menos por enquanto, há a fase da convergência. O surgimento da telefonia móvel, internet, entre outras tecnologias que influenciam no dia a dia do rádio, fazem com que seja necessário um reposicionamento conceitual e mercadológico do meio. Por isso, a definição do rádio passa a dizer respeito a sua linguagem específica, sendo uma criação cultural, não mais dependendo da tecnologia em que é propagada (FERRARETTO, 2012).

Na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma da fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada (FERRARETTO, KISCHINHEVSKY, in: Enciclopédia Intercom, 2010, v. 1, p. 1.009-1.010).

O rádio definitivamente está passando por modificações em suas estruturas, sejam mercadológicas, de produção ou mesmo de distribuição. É importante destacar que atualmente não há mais apenas uma lógica da oferta no rádio, há também a lógica na demanda, caracterizada justamente por este processo de convergência. A tecnologia, portanto, não é apenas um suporte, mas proporciona variáveis comunicativas, até mesmo nas linguagens de acordo com o grupo de usuários, onde estão localizados e quais as suas motivações. “Muda a tecnologia, renova-se a sociedade, modificam-se os gostos, mas prevalece a comunicação mediada pela inovação tecnológica entre os membros da sociedade” (CEBRÍAN HERREROS, 2011, p. 72).

As empresas buscam ações para disponibilizar conteúdos diferenciados a seus ouvintes, independentemente do suporte tecnológico, por exemplo, a disponibilização via

internet dos programas, ou os *podcasts* com materiais exclusivos e segmentados. Tudo isso, gera uma reconfiguração do modelo de comunicação, não mais apenas o ponto-massa, mas também individualizada, o ponto-ponto (FERRARETTO, 2014, p.1).

Há hoje uma pluralidade de possibilidades para produção de conteúdos do rádio, como os *podcasts*, contudo, as emissoras tradicionais, aquelas que tem como base a transmissão hertziana, seguem como principais produtores e distribuidores de conteúdo, apesar de todas as modificações geradas pelas novas tecnologias (FERRARETTO, 2014, p. 3). Apesar disso, vale repensar o papel dos receptores, também como produtores de conteúdo, já que cada vez mais, qualquer pessoa pode criar e redistribuir materiais sonoros.

Enquanto qualquer instância particular da quase-interação mediada geralmente implica um fluxo de informação ou comunicação de sentido único, nas reais circunstâncias da vida social os padrões de fluxo de informação são quase sempre muito mais complicados. Nas circunstâncias reais há uma pluralidade de fontes e canais de comunicação de tal maneira que os indivíduos podem se encontrar na posição de serem simultaneamente produtores e receptores (THOMPSON, 2002, p. 106).

A partir desta pluralidade de opções provenientes da cultura de convergência, há a necessidade de repensar as relações mercadológicas do rádio, para fazê-lo novamente rentável como em outras épocas. Entre os teóricos, há uma preocupação bastante grande com a possibilidade de tornar novamente o jornalismo lucrativo.

Mas se a existência do rádio e do jornalismo já não dependem de determinados hardwares com que eram historicamente identificados, a qualidade e o alcance deste rádio vai depender também das formas encontradas para sustentá-lo economicamente. A sobrevivência das instituições sociais que hoje sustentam a sua existência é altamente dependente das transformações tecnológicas em curso e das opções de investimento que fizerem sobre elas. Há fortes indícios de que os atuais modelos de exploração de ondas e de negócio, que sustentam a produção do rádio há quase um século, estão com os dias contados. [...] Se o rádio como modalidade cultural tende a prosseguir existindo, a indústria que o explora terá que se adaptar ou morrer. (MEDISTCH, 2010, p. 207).

Com esta realidade das novas mídias, os modelos de negócio dentro do rádio precisam ser renovados. Marcelo Kischinhevsky (2016, p. 421-422) acredita que de um lado, a convergência acirra a concentração empresarial em torno de um punhado de conglomerados industriais com interesses na comunicação e na cultura, e de outro franqueia acesso ao mercado de bens simbólicos a novos atores, desde pequenas companhias inovadoras, até indivíduos, passando por movimentos sociais, organizações não-governamentais, universidades e outros atores sociais antes privados de meios próprios de comunicação

Portanto, cria-se uma indefinição quanto aos grandes monopólios da mídia, e a forma como conseguirão se manter com o poder, visto que não há mais o domínio da distribuição nestes canais.

As plataformas tradicionais perdem valor à medida que o acúmulo de outras ofertas fragmenta os mercados. Frente à limitação do espaço rádio-elétrico, a internet não tem mais limites do que a capacidade do cabo que se queira empregar e da largura de banda com que se queira transmitir. Os usuários acessam os conteúdos sem restrições, nem intermediação alguma (CEBRÍAN HERREROS, 2011, p. 82).

Eduardo Medistch (2010) acredita que, para pensar o futuro do rádio, é preciso levar em conta possíveis rearranjos dos sistemas produtivos a partir da internet e das convergências que ela possibilita. Para o autor, os papéis tradicionais de produção e distribuição de conteúdos tendem a mudar, como já acontece com a produção musical na internet, por exemplo. Apesar das dificuldades expostas, há ainda um pensamento de que haverá um radiojornalismo pós-mídia, mesmo que não seja assim nomeado. Contudo, é pouco provável que venha a surgir do rádio digital buscado neste momento, a informação sonora do futuro será, provavelmente, um produto da criatividade coletiva que emerge da web (MEDISTCH, 2010, p. 236).

Dentro desta concepção, há algumas alternativas que podem ser tomadas para conquistar o público na internet e fazer com que o rádio sobreviva neste momento de reconfigurações, como por exemplo, a fragmentação de programação e a inclusão de processos de interatividade com sistemas das novas tecnologias (CEBRÍAN HERREROS, 2011 p. 83). Cebrían Herreros observa que já vivemos uma realidade em que os conteúdos são feitos a partir da característica de cada plataforma, podemos pensar aqui nos programas convencionais de rádio, em comparação com os *podcasts* disponibilizados nos sites, e o autor já afirma que vivemos uma era do rádio na internet, ou ciber-rádio. Apesar disso, o autor lembra que a tecnologia pela tecnologia, ou seja, apenas ela, não faz sentido para os receptores, ela é um processo comunicacional para gerar novos símbolos e formas de expressão.

A convergência tecnológica busca somar para enriquecer os tratamentos digitais. O radiofônico se assemelha ao impresso, à televisão, ao cinema quando todos utilizam uma linguagem digital comum, mas cada um deles oferece o final do processo uma linguagem reconhecível pelos usuários. As linguagens utilizam os símbolos para representar a realidade (FERNÁNDEZ apud CEBRÍAN HERREROS, 2011, p. 76).

Diante de tantas reestruturações perante as novas tecnologias, é importante também pensar no que está mudando para o exercício da profissão de jornalista como um todo, e também no radiojornalismo. A produção industrial da notícia, as relações entre as empresas de comunicação, a audiência, os governos e a sociedade como um todo precisam ser analisadas neste contexto, pois trazem questões técnicas, éticas e profissionais do jornalismo.

Os processos produtivos se modificaram a partir da inserção da internet nas redações de radiojornalismo. Atualmente, há uma multiplicidade de conteúdos armazenada na internet, que apresenta inúmeras vantagens aos jornalistas no processo de pesquisa de determinado assunto para a produção da notícia, seja na recolha da informação, na seleção, na redação, na edição ou na veiculação da notícia. A internet trouxe rapidez e racionalidade ao fluxo de produção (DEL BIANCO, 2004, p. 160). Entretanto, também é importante destacar que os repórteres precisam tomar cuidados para que estas facilidades não tornem o trabalho preguiçoso e acomodado, havendo a necessidade de analisar criticamente os conteúdos pesquisados.

Neste sentido, a utilização das novas plataformas também acarretou a modificação nas rotinas produtivas dos jornalistas. A digitalização dos processos comunicacionais gerou mudanças no dia a dia dos repórteres de rádio, seja na coleta, no processamento, ou na transmissão de conteúdos. Hoje, as grandes rádios comerciais possuem sites onde há conteúdos específicos, em diversos formatos: texto, áudio, fotográfico e em vídeo. O repórter de rádio, portanto, se vê imerso em um ambiente multimidiático, onde há a necessidade de ser multiplataforma; ser multitarefa; conhecer as características de um ouvinte diferente, mais ativo, mais exigente, mais dinâmico e mais interativo; é necessário ter múltiplas habilidades; estar atualizado e se familiarizar a cada dia com novos sistemas, ferramentas e dispositivos (LOPEZ, 2010 p. 139).

A questão contextual é fundamental para a configuração da convergência midiática. No rádio hipermediático, por exemplo, uma característica é crucial: a espinha dorsal da narrativa é sonora e, portanto, seu perfil multiplataforma envolve uma narrativa que, embora importante, é complementar. Mantém-se, assim, a identificação com o rádio, ainda um meio de comunicação próprio e que, aos poucos, atualiza-se (LOPEZ, 2010 p. 25-26).

Sendo assim, é importante ressaltar que, antes de mais nada, o foco principal desta nova configuração de repórter precisa seguir nos conteúdos sonoros. Dentro disto, torna-se

importantíssimo destacar os objetivos desta monografia, que se dispõe a entender e observar como uma nova tecnologia, no caso o WhatsApp, está influenciando na rotina de trabalho dos repórteres de rádio esportivo de Porto Alegre. O aplicativo auxilia no processo de compartilhamento dos conteúdos multimidiáticos, já que permite a transmissão instantânea de textos, áudios, fotos e vídeos. Na sequência, este trabalho irá tratar de forma mais detalhada as alterações nas rotinas produtivas dos repórteres e do rádio como um todo.

Por todas as perspectivas apresentadas, fica nítido que há modificações ocorrendo no rádio e no jornalismo como um todo nos últimos anos, a partir das interferências das novas tecnologias. Por isso, é fundamental que ocorram estudos no sentido de decifrar e projetar as realidades que já acontecem, bem como as que estão por vir. Seja no contexto conceitual, tecnológico, mercadológico, ou mesmo das rotinas produtivas.

3 NEWSMAKING COMO METODOLOGIA PARA ENTENDER A ROTINA DO REPÓRTER DE RÁDIO NA ATUALIDADE

As rotinas de trabalho do jornalismo se transformaram ao longo da história, principalmente a partir do surgimento de novas tecnologias. No rádio, não é diferente, repórteres atualmente observam seu dia a dia ser remodelado a partir de inovações que alteram algum processo dentro da busca pela informação, ou modificam outras fases da produção informativa. Para compreender tantas alterações vistas ao longo do tempo dentro da profissão, houve a necessidade de traçar um método eficaz, que fosse capaz de responder às questões suscitadas a partir destas mudanças. O conceito de *gatekeeper* sempre foi figura central para pensar as rotinas dos jornalistas, em que os profissionais são vistos como selecionadores da informação, tendo como base um sistema de regras pré-estabelecidas. Contudo, Wolf propõe um avanço nos estudos das rotinas produtivas do jornalismo, a partir da lógica do *newsmaking*, no qual há a ideia de analisar o contexto maior destas rotinas na produção das notícias, a partir de uma metodologia de pesquisa, pensando também na realidade social que os jornalistas, o meio de comunicação e o público estão inseridos (Wolf, 2006, p.183). Apesar disto, alguns parâmetros dos *gatekeepers* seguem presentes nos estudos de *newsmaking*, analisando “a lógica dos processos pelos quais a comunicação é produzida e o tipo de organização do trabalho dentro do qual se efetua a construção das mensagens” (Wolf, 2006, p.179).

Em relação a este objeto, a pesquisa tem presentes não só os fatores organizativos, burocráticos, ligados à estruturação dos processos produtivos, mas também os elementos mais especificamente comunicativos, isto é, intrínsecos à peculiaridade da matéria-prima trabalhada. A dupla e simultânea atenção a ambos os fatores, resulta de alguns estudos que Golding e Elliott apontam como exemplificativos da fase intermediária da passagem do *gatekeeping* para o *newsmaking* (WOLF, 2006 p. 185).

Sendo assim, o *newsmaking* articula-se especialmente em dois balizadores: a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos. As conexões e relações existentes entre os dois aspectos constituem o ponto central deste tipo de pesquisa (WOLF, 2006, p. 188). Por este motivo, tal método se torna importante para pensarmos as modificações geradas a partir do uso do WhatsApp na rotina de trabalho dos repórteres de radiojornalismo esportivo de Porto Alegre.

O autor define basicamente três principais fases da produção informativa cotidiana encontradas na maioria dos meios de comunicação: a recolha, a seleção e a apresentação. Cada uma delas tem a sua peculiaridade, e é alterada de determinada maneira, a partir das

novas tecnologias. Wolf (2006, p. 219) cita um exemplo de uma nova realidade dentro das redações jornalísticas, que recebem um grande número de informações das agências de notícia, fazem a seleção e a reestruturação da informação de acordo com os valores/notícia daquele meio de comunicação.

Pelo caráter móvel da profissão, é possível observar as modificações nas rotinas produtivas dos jornalistas, Schlesinger (apud WOLF, 1978, p. 187-188) alerta que, “em geral, a produção das notícias entrou em rotina, as próprias rotinas são continuamente corrigidas e seus elementos estabelecem novas relações”. Esta monografia busca justamente analisar estas novas relações que surgem, ou são alteradas, a partir de uma nova tecnologia disponível para o trabalho dos repórteres - o WhatsApp.

Ainda de acordo com os pensamentos de Wolf (2006) e sua conexão com o aplicativo, é importante ressaltar a relação dos jornalistas com suas fontes. Para o autor, as fontes são pontos fundamentais na qualidade do trabalho jornalístico, entretanto salienta que este vínculo não funciona de maneira linear, o processo é circular e complexo.

As modificações de relacionamento entre os jornalistas e as fontes, a maneira como se relacionam e as consequências que daí derivam para a informação produzida. Também quanto a este aspecto as pesquisas de newsmaking modificam uma certa mitologia profissional que tem tendência para dar uma imagem linear, neutra e transparente da passagem de conhecimentos entre a fonte e o jornalista e leitor (WOLF, 2006, p. 227).

Estas modificações e a relação das fontes com os jornalistas são nítidas, a partir do uso do Whatsapp no dia a dia dos repórteres, como veremos no decorrer deste trabalho. Como nesta monografia tratamos especificamente de profissionais relacionados ao esporte, ou seja, especializados, também é relevante salientar que este tipo de profissional costuma construir um vínculo mais próximo com suas fontes, visto que trata de um assunto em específico, o que gera uma relação de certa forma pessoal, entre repórter e fonte (WOLF, 2006, p. 227), outro assunto que trataremos de forma mais detalhada a seguir.

Para compreender os detalhes apresentados anteriormente quanto ao dia a dia do repórter de rádio na atualidade, dentro da ideia de analisar a lógica dos processos e das rotinas produtivas no jornalismo, o *newsmaking* utiliza-se basicamente de dois aspectos metodológicos: observação participante e entrevistas. Nem sempre os dois métodos são empregados em conjunto, contudo “todas as pesquisas de *newsmaking* têm em comum a técnica da observação participante. Desta forma, é possível reunir e obter sistematicamente, as informações e os

dados fundamentais sobre as rotinas produtivas que operam na indústria do *mass media*” (WOLF, 2006, p.186).

Para aprofundar melhor determinados temas, é que há a utilização das entrevistas, pois isto gera a possibilidade de comparar o material coletado com as percepções intrínsecas das pessoas relacionadas com o objeto de estudo.

Os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que é objeto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo o que aí acontece, quer através de conversas, mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com as pessoas que põem em prática os processos produtivos (WOLF, 2006, p.186).

Além disso, é fundamental que o pesquisador esteja ciente dos pressupostos teóricos durante estas duas fases, retomando as hipóteses de pesquisa, para não correr o risco de perder o foco durante a investigação (WOLF, 2006, p.186).

Nesta monografia, foram utilizadas os dois métodos de pesquisa que o *newsmaking* possibilita, ou seja, a observação participante e as entrevistas – neste caso, em profundidade e semiabertas. Para compreender as modificações geradas pelo uso do WhatsApp no trabalho do repórter de radiojornalismo esportivo, foram acompanhados e entrevistados cinco profissionais que atuam em rádios de Porto Alegre. As emissoras escolhidas para o trabalho foram a Gaúcha e a Grenal, pois são as duas dos principais veículos do segmento esportivo na capital.

Fundada em 1927, a Rádio Gaúcha atualmente pertence ao Grupo RBS. Em 1957, Maurício Sirotsky Sobrinho participa como sócio minoritário da compra da Rádio Gaúcha. Atua como administrador, mas também como animador, utilizando o prestígio adquirido na principal emissora da época, a Farroupilha (FERRARETTO, 2007, p. 60-61). Ao longo dos anos, a Gaúcha realizou investimentos importantes em contratações de profissionais e equipamentos modernos. Em 1986, a emissora ultrapassou a Guaíba e assumiu efetivamente a liderança em audiência no segmento de radiojornalismo (FERRARETTO, 2007, p. 244). Estes fatos foram fundamentais para que, no decorrer do tempo, a Gaúcha se consolidasse como a principal emissora do Rio Grande do Sul.

A Rádio Grenal pertence à Rede Pampa. A Grenal possui uma particularidade importante: fala 24h por dia de futebol, sempre com programação ao vivo. O projeto foi inaugurado no dia 16 de março de 2012, dando lugar a antiga Rádio Jornal O Sul. A Rede Pampa tem como dono Otávio Dumir Gadret, que começou sua trajetória adquirindo a Rádio Caiçara em 1970, e em 1971 a Rádio Pampa (FERRARETTO, 2007, p. 274). Ao longo da história, Ga-

dret soube aproveitar os espaços de mercado deixados de lado pela concorrência (FERRARETTO, 2007, p. 273). Isto é, normalmente inova nos segmentos pouco explorados pelos adversários, e é neste contexto que surge a Rádio Grenal.

No processo de escolha, buscou-se abranger profissionais com grande experiência dentro do radiojornalismo esportivo, que passaram por diversas reestruturações em suas rotinas de trabalho ao longo do tempo; repórteres da nova geração, que observaram menos mudanças, e também um jornalista que está entre estas duas concepções, para analisar as diferentes percepções quanto ao uso do aplicativo em seu dia a dia. De acordo com esta concepção, foram escolhidos os seguintes profissionais: José Alberto Andrade (52 anos, há 32 na profissão), Sérgio Boaz (55 anos, há 30 na profissão), Rodrigo Oliveira (28 anos, há 10 na profissão), da Rádio Gaúcha, e Diogo Rossi (24 anos, há 6 na profissão) e Matheus D'Ávila (23 anos, há 5 na profissão), da Rádio Grenal.

3.1 Observação e pesquisa participante

Como já visto anteriormente, a observação participante é fundamental para as pesquisas de *newsmaking*, principalmente pelo fato de inserir o pesquisador no ambiente natural das ocorrências do fenômeno que está sendo investigado, além de propiciar uma interação com a situação real da pesquisa (PERUZZO, 2005, p. 125).

Acredita-se que uma pesquisa ancorada na dialética possa apanhar o fenômeno em sua complexidade e profundidade, ou seja, suas origens, suas partes constitutivas, os significados e as transformações sofridas (PERUZZO, 2005, p.130).

Transformações ocorrem há muito tempo dentro do jornalismo, e cada vez mais, com a convergência midiática presente na atualidade. As rotinas de trabalho do jornalista são o foco deste estudo, mas as modificações não estão contidas apenas nelas, também no contexto em que vivemos. Contudo a observação e pesquisa participante tornam-se fundamentais para compreender as mudanças intimamente, até mesmo para entender onde há avanços, e onde ocorrem falhas neste novo processo vivido pelos repórteres de rádio no contexto hipermediático.

Em geral, a motivação é compreender de modo sistemático e com base científica os processos de comunicação existentes, como forma de identificar suas inovações, virtudes e avanços, mas também as falhas e os desvios de práticas comunicacionais, levantar as práticas participativas e de gestão, entender os mecanismos de recepção da mensagens e auscultar as aspirações dos receptores, de modo a aperfeiçoar o trabalho desenvolvido nos meios de comunicação grupais ou midiáticos de alcance comunitário ou local (PERUZZO, 2005, p.138).

Peruzzo (2005, p. 144) salienta que a coleta e análise de dados primários empíricos ancora-se na integração entre o pesquisador e o grupo estudado, e dessa relação, depende a captação adequada de dados. Como esta monografia tem por objetivo tratar das reestruturações nas rotinas de trabalho dos repórteres esportivos, os profissionais foram acompanhados em treinamentos e em turnos de trabalho que permaneceram na redação, sendo assim, é possível observar dois tipos diferentes de uso do mesmo aplicativo dentro do dia a dia do jornalista. Não houve o acompanhamento durante jogos de futebol, por uma questão de credenciamento junto aos órgãos responsáveis, mas também pelo fato de os profissionais em suas entrevistas salientaram que a utilização é menor, visto que há uma necessidade maior de estar atento aos movimentos da partida. Mesmo assim, há o uso do aplicativo, principalmente no pré e pós jogo, mas isso, será tratado no decorrer de outro capítulo.

3.2 Entrevista em profundidade

Além da observação e pesquisa participante, foi considerada fundamental para esta monografia, a realização de entrevistas em profundidade. Isto se deve ao fato deste tipo de método possibilitar a exploração de um assunto de forma mais aprofundada, trazendo percepções e experiências anteriores dos informantes quanto aos aspectos que serão analisados na pesquisa, e ainda apresentá-los de forma estruturada (DUARTE, 2005, 62).

Por meio de entrevista em profundidade, é possível, por exemplo, entender como produtos de comunicação estão sendo percebidos por funcionários, explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação, identificar motivações para o uso de determinado serviço [...] (DUARTE, 2005, p.63).

Dentro desta lógica, as perguntas das entrevistas em profundidade permitem explorar, descrever processos, compreender as visões quanto às mudanças já vividas, e as que ainda estão por vir. Neste contexto, torna-se essencial a utilização desta metodologia, uma vez que foram realizadas entrevistas com profissionais de vivências diferentes. Mesmo que atualmente eles se utilizem, por exemplo, do WhatsApp de maneira parecida, sua percepção quanto ao aplicativo é diferente. Alguns têm larga experiência na profissão e já passaram por diversas mudanças em suas rotinas, a partir de novas tecnologias. Outros já começaram a atuar na área em um contexto de convergência midiática, portanto, a entrevista permite captar o íntimo de cada um, com o objetivo de fornecer elementos para a compreensão desta situação (DUARTE, 2005, 63).

É importante também salientar que, para a realização das entrevistas, o investigador já possui certos preceitos que o alicerçam quanto ao tema trabalhado, para daí em diante, colher as percepções dos entrevistados. Para este trabalho, foi escolhido o modelo de entrevista semiaberta, por possuir um roteiro base destes pressupostos, mas permitir liberdade ao pesquisador durante as entrevistas.

Ela parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante (TRIVINÓS apud DUARTE, 2005, p.66).

Esta escolha metodológica também se justifica pelo fato de que um pequeno número de fontes pode fazer um relato consistente sobre o tema definido, caso sejam bem escolhidas. Duarte (2005, p. 69) salienta a importância de buscar informantes que possam dar visões diversificadas sobre os mesmos fatos. Por este motivo, justifica-se a escolha de profissionais experientes e jovens jornalistas, na medida em que vivem as rotinas produtivas do rádiojornalismo esportivo diariamente, mas com experiências diferentes, pelo tempo de profissão.

O autor também define alguns tipos de fontes para as pesquisas com entrevistas semiabertas, neste caso, apenas informantes-chave foram selecionados, pois são: “Fontes de informação consideradas fundamentais, por estarem profunda e diretamente envolvidas com os aspectos centrais da questão” (DUARTE, 2005, p.70).

4 ROTINAS PRODUTIVAS NO RÁDIO E O JORNALISTA MULTITAREFA

O rádio passou por diversas modificações em suas estruturas com o tempo, no viés comercial, na relação com o ouvinte, e, claro, nas rotinas produtivas das emissoras e de seus profissionais. Estas alterações foram fruto de inovações tecnológicas, por exemplo, com meios concorrentes, caso da TV; ou, então a própria modernização nos equipamentos, seja para a melhoria das transmissões, na relação com o público, ou para modificar o trabalho dos jornalistas. Estes são aspectos que transformam o modo de se fazer rádio. Valci Regina Zuculoto (2012, p. 152) afirma que “o rádio é um veículo animado pela tecnologia e dela sempre consegue se aproveitar para se readequar e se reinventar”. Pensamento corroborado por outros autores que refletem sobre as características do meio, visto que a tecnologia está intimamente próxima as coisas do rádio.

O rádio é um meio de comunicação estreitamente ligado à tecnologia. A produção, distribuição e recepção de suas mensagens requerem um amplo leque de técnicas como a mecânica, acústica, a eletrônica, a informática, entre outros. A evolução permanente destas técnicas se projeta, em consequência, de modo decisivo sobre a configuração e funções do rádio (MARTÍNEZ-COSTA, 1997, p. 21).

Neste enfoque, o momento de convergência vivido na última década é apenas mais uma das mudanças pela qual o meio passou ao longo de sua história. Como já visto anteriormente, o transistor modificou o conceito do rádio na sua fase de segmentação, por permitir uma maior mobilidade do ouvinte, mas também do jornalista. Zuculoto (2012, p.100) afirma que o equipamento foi um dos avanços tecnológicos que mais influenciaram a garantia da sobrevivência do rádio, também pelo aumento da qualidade nas transmissões e recepções. O fato de poder estar no cenário dos acontecimentos, aliada a esta maior capacidade sonora, foi fundamental para que o meio continuasse fazendo parte da rotina do público.

O jornalismo radiofônico, então, assumiu um caráter mais dinâmico e mais presente no palco dos acontecimentos após a transistorização. Com isso, surge uma nova demanda: equipamentos que permitam agilizar o processo de coleta e transmissão das informações diretamente do palco dos acontecimentos. O telefone fixo, embora tenha cumprido um papel essencial, tinha validade parcial, já que não acompanhava o movimento do fato e exigia que o jornalista, muitas vezes, se ausentasse do palco da ação para realizar a transmissão e, com isso, perdesse informações (LOPEZ, 2009, p. 7)

Portanto, a possibilidade de estar no palco dos acontecimentos e transmitir do local as informações acelerou o processo de produção, alterando a construção da notícia dentro do rádio brasileiro (LOPEZ, 2009, p. 6). A partir desta lógica, vale destacar outras inovações tecnológicas que contribuíram para a perpetuação do rádio e para as modificações nas rotinas

produtivas do meio: o gravador magnético, a frequência modulada, e as unidades móveis são exemplos de inovações antes da fase da convergência, mas que já mudaram a lógica de se fazer rádio (ORTRIWANO apud LOPEZ, 2009, p.7).

Na última década, duas tecnologias entraram em funcionamento e modificaram de forma substancial o meio: a internet e a telefonia móvel. O celular tornou-se uma ferramenta de apuração constante nas redações. Além disso, com o aparelho, os repórteres puderam ser localizados em qualquer lugar, e a qualquer momento, elevando as possibilidades anteriormente vistas já nas unidades móveis (LOPEZ, 2009, p.7).

O telefone se constituiu na tecnologia midiática de maior transformação para o rádio não sob o ponto de vista da convergência tecnológica entre dois meios, mas deu a perspectiva de mudanças comunicativas. É a tecnologia que transforma a radiodifusão em uma autêntica rádio comunicação (CEBRÍAN HERREROS, 2011, p. 77)

A internet, por sua vez, possibilitou mudanças fundamentais dentro da redação, Zuculoto (2012, p.162) diz que o modo de produção, eliminando fitas, laudas e operando em computadores e equipamentos digitais, incentivou e facilitou um modelo global na produção radiofônica. Em consonância, Nélia Del Bianco (2004, p.160) afirma que a grande rede “exerce influência em todas as fases das rotinas produtivas, desde a recolha da informação, seleção, redação, edição e veiculação da notícia”. Débora Lopez (2010, p. 39) valoriza a utilização das tecnologias na apuração, edição e transmissão de conteúdo, com o objetivo de agilizar e otimizar o processo de construção da notícia. Ainda, em relação ao advento da internet, Wolf (2006, p. 218) lembra que a partir deste momento, as notícias também começam a procurar os jornalistas, não mais apenas o contrário.

Pensar em jornalismo de rádio é, também, pensar nas rotinas produtivas e técnicas de apuração adotadas pelas emissoras. As alterações no fazer jornalístico radiofônico se apresentam, no contexto da era digital, de maneira mais explícita. [...] A Internet passa a ser usada então, nessa perspectiva de facilitação, como fonte principal das informações e acontecimentos (LOPEZ, 2010, p. 65)

Avançando na cronologia das tecnologias da informação e suas relações com o rádio atual, há ainda inúmeras subplataformas geradas pela junção destas duas inovações tão fundamentais, que modificam radicalmente o sistema comunicativo do meio.

A internet e a telefonia móvel são as duas grandes plataformas de maior inovação. Ambas criam dois universos que inicialmente aparecem como separados e que atualmente é possível comprovar cada vez mais sua vinculação e ampliação recíproca de campos. Tudo que aparece na internet fixa passa atualmente para a internet móvel. Além disso, cada uma delas explora outros campos próprios e cada uma se adapta às necessidades de cada usuário (CEBRÍAN HERREROS, 2011, p. 75)

Neste contexto, vale ressaltar, que, na atualidade, “o aparelho de telefone celular ainda tem a utilidade de captar vídeos, fotos, conectar a internet para o envio imediato de textos e arquivos, entre outras funcionalidades. Nos últimos anos os telefones celulares evoluíram e já existem modelos que integram em um único aparelho câmera digital de foto e vídeo, MP3, PDA, e receptor FM” (LOPEZ, 2009, p. 8). Esta informatização de praticamente todos os processos produtivos gera ainda mais mudanças no trabalho do jornalista de rádio, alterando o dia a dia das coberturas jornalísticas.

Celular, internet e suas tecnologias correlatas, obviamente, alteram as rotinas de trabalho. A respeito, um recorte da pesquisa *Radiojornalismo e convergência na fase da multiplicidade da oferta*³, ao comparar, com base em depoimentos, as atividades de profissionais da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, nas coberturas das eleições municipais de 1988 e 2012, apontou: (1) no final da década de 1980, (a) o repórter ia ao palco de ação do fato, coletava informações, ligava para a redação, passava dados que seriam convertidos em texto e entrava no ar, terminando, enfim, o seu trabalho; e (b) a tecnologia empregada englobava gravadores de fita, telefones fixos e unidades móveis com rádios em UHF para comunicação com a emissora e entrada ao vivo no ar; e (2) no início dos anos 2010, (a) as novas possibilidades tecnológicas trouxeram mais funções ao jornalista, já não sendo suficiente planejar a execução de sua pauta exclusivamente para o rádio e devendo esta ser pensada também para a internet e as mídias sociais; e (b) tais funções passam a requerer revisão do que realmente é o seu trabalho, havendo tarefas relacionadas à produção de fotografias, textos e vídeos para veiculação on-line, algumas das quais extrapolando o que seria a jornada contratada junto ao empregador. (FERRAETTO, 2015, p. 226)

A partir destes dados, podemos tratar de duas questões em específico. Primeiramente, quanto ao uso do celular em conjunto com a internet, que intensificou a necessidade de o profissional de rádio ser multitarefa, ou seja, ter mais responsabilidades do que estava acostumado. A segunda questão diz respeito à carga horária de trabalho do jornalista.

Começando pelo primeiro tema, Débora Lopez (2010, p. 139) corrobora a ideia da alteração nas rotinas dos profissionais de rádio, afirmando que “o profissional do jornalismo neste meio de comunicação passa a lidar com uma nova exigência: é preciso ser multiplataforma; ser multitarefa; conhecer as características de um ouvinte diferente, mais ativo, mais exigente, mais dinâmico e mais interativo; é necessário ter múltiplas habilidades; estar atualizado e se familiarizar a cada dia com novos sistemas, ferramentas e dispositivos”. Estas características já são bastante presentes no dia a dia dos repórteres, com isso, há a necessidade de que o profissional esteja preparado para este novo tipo de cobertura.

³ Os resultados apresentados são baseados em dados coletados pelas bolsistas de iniciação científica Jéssica Caroline Kilpp (2012-2013) e Nathália Bittencourt (2013).

Para trabalhar em condições ideais, o repórter de rádio deve estar munido de caneta, um bloco para anotações e um telefone celular, contando este último com acesso à internet e aplicativos específicos para redes sociais e gravação e edição de áudio, vídeo e fotografia. No entanto, ainda é prática comum o uso de gravadores específicos de áudio (FERRARETTO, 2014, p. 156)

Zuculoto (2012, p. 159) lembra que acumular funções não é novidade para o profissional de rádio. A autora aponta que já entre os anos 55 e 70 (na fase de segmentação), com as novas tecnologias daquela época, os jornalistas concentram atividades.

É importante ressaltar que, no contexto atual, os repórteres não se restringem apenas aos boletins para o meio, também fazem fotos, vídeos e enviam textos para a redação. Apesar das novas atribuições, é relevante lembrar que o conteúdo sonoro segue sendo o principal no trabalho dos jornalistas de rádio.

A demanda por uma nova estrutura narrativa, multimidiática e multiplataforma, que busque a complementação e a ampliação do conteúdo, demanda do jornalista uma reformulação em suas rotinas e o investimento em novas habilidades e competências. O rádio onde este jornalista irá atuar também é novo. Trata-se do rádio hipermidiático, que fala em diversas linguagens, em distintos suportes e, ainda assim, mantém no áudio seu foco. Embora a produção do rádio através de múltiplas plataformas e linguagens seja crucial para o jornalista, para a emissora atrair uma nova parcela do público, o rádio em si precisa se manter como tal. O áudio precisa ser independente e, ao mesmo tempo, complementar. Nem todo ouvinte pode – ou quer – buscar um aprofundamento, uma multiplicidade de linguagens – seja através do rádio digital ou do suporte web da emissora. (LOPEZ, 2010, p. 119)

Neste panorama multiplataforma e hipermidiático, o jornalista também está em constante contato com as redes sociais. O trabalho do repórter já não se restringe mais ao envio de material para o site da emissora, mas da própria produção em perfis pessoais, visando interagir e manter informado o público. Neste momento, entra a questão levantada anteriormente por Luiz Artur Ferraretto (2015), quanto à carga horária de trabalho do jornalista. Atualmente, por vontade própria ou não, o jornalista acaba refém das redes sociais, pois não há uma separação tão clara dos perfis pessoais e profissionais. O professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul cita um exemplo em específico, para demonstrar a atual fluidez encontrada nas rotinas de trabalho dos jornalistas a partir da utilização das redes sociais: “É de se perguntar, por exemplo, qual o jornalista, no sentido pleno da palavra, que, fora do horário contratado, ao receber uma notícia de peso de uma fonte, irá deixar para informá-la à sua rádio e/ou nas redes sociais nas quais interage após bater o ponto no dia seguinte?” (FERRARETTO, 2015, p.227).

Por todas as questões expostas, fica nítida a concepção de que o rádio está em constante modificação, assim como as rotinas dos profissionais que trabalham no meio. Tendo

esta perspectiva como base, vale ressaltar alguns pontos elencados por Luiz Artur Ferraretto (2014) quanto às características fundamentais para os bons repórteres, visto que este trabalho trata do trabalho destes profissionais. O autor salienta que é necessário ao profissional unir capacidade de observação com habilidade na comunicação. Deve ter por pretensão não deixar escapar nenhum detalhe do acontecimento. É necessária uma aptidão tal que permita ao profissional narrar, de forma clara e audível, um fato raro enquanto este ocorre. Essa dupla necessidade diferencia os jornalistas que exercem essa função no rádio dos colegas de meios impressos de comunicação (FERRARETTO, 2014, p.155). Além disso, o professor da UFRGS salienta que o bom repórter precisa manter-se atualizado em diversos conhecimentos, para obter boa bagagem cultural, o que se torna essencial para contextualizar alguns acontecimentos.

Como esta monografia diz respeito ao jornalismo esportivo, há também alguns tensionamentos elencados por Ferraretto (2015). Por se tratar de uma atividade especializada, há o contato constante com as mesmas fontes, o que necessita um cuidado ético importante, até mesmo para a manutenção de uma separação das relações, pessoais e profissionais, que podem ocorrer.

Normalmente, os jornalistas especializados estabelecem relações estreitas e continuadas com as próprias fontes, que acabam por se transformar em fontes pessoais, quase informadores que mantêm os repórteres atualizados, fornecendo-lhes indiscrições, notícias reservadas. Isto é, cria-se uma relação quase simbiótica de obrigações recíprocas entre fonte e jornalista (WOLF, 2010, p. 227)

É importante destacar o dia a dia deste profissional, que atua de forma diferenciada em relação aos repórteres “de geral”, suas rotinas envolvem uma ampla atuação, como por exemplo, “mostrar os preparativos para as grandes partidas, descrever o que se passa nas concentrações, os treinos (individuais ou coletivos), os atletas que deverão passar (passaram ou foram barrados) pelos exames médicos e as possíveis substituições ou modificações nos quadros. Há ainda a abordagem das contratações ou vendas, declarações dos técnicos, eleições das diretorias e a missão dos olheiros ou emissários, que pretendem comprar passes de jogadores de outros clubes” (MÁRIO ERBOLATO apud FERRARETTO, 2014, p.217).

5 O WHATSAPP NA ROTINA DE TRABALHO DOS REPÓRTERES ESPORTIVOS DAS RÁDIOS GAÚCHA E GRENAL

Neste capítulo serão expostos os resultados e percepções, a partir da observação participante e das entrevistas em profundidade realizadas com os repórteres das rádios Gaúcha (José Alberto Andrade, Rodrigo Oliveira e Sérgio Boaz) e Grenal (Diogo Rossi e Matheus D'Ávila). Antes de mais nada, é importante contextualizar algumas questões. A observação foi realizada entre os dias 01 de junho e 21 de junho, durante setores em que os profissionais acompanharam treinamentos e também em dias que permaneceram na redação. Todos os repórteres têm a característica de não contar com um horário de expediente fixo, ou seja, trabalham por escala, em alguns dias pela manhã, em outros no período da tarde, além dos jogos noturnos. Neste trabalho, os turnos são considerados da seguinte forma: manhã, das 9h às 14h, e tarde, das 14h às 19h. Não houve um acompanhamento durante as partidas de futebol, por uma questão de credenciamento junto a Confederação Brasileira de Futebol, Federação Gaúcha de Futebol e Associação dos Cronistas Esportivos do Rio Grande do Sul, e também pelo fato de nas entrevistas, os próprios jornalistas relatarem um uso menor, principalmente no decorrer dos 90 minutos de futebol. Ainda quanto as observações, cada um dos cinco profissionais foi acompanhado em três turnos de seu trabalho, para ter uma boa referência das suas utilizações do WhatsApp durante a atividade profissional. É importante também destacar que o período de observação não correspondeu a um ciclo em que a janela de transferências (período em que os clubes podem contratar, ou vender, jogadores do exterior) estava aberta, portanto, a busca por informações com fontes específicas, empresários, jogadores e até mesmo jornalistas de outros estados, não era tão necessária como quando há a possibilidade real de negociações. Até mesmo a busca por novos contatos não foi tão notável no dia a dia como o relatado nas entrevistas. Claro, durante este tempo, aconteceram especulações, por isso, há casos em que se encontram os fatos citados acima na própria observação.

Contudo, é relevante constatar que durante as entrevistas, foram abordadas diversas situações em que os repórteres usam o aplicativo em seu trabalho, além de outras utilizações e percepções a partir das indagações feitas, mas também colocadas pelos próprios jornalistas. As entrevistas foram realizadas em um período mais curto, entre 26 de maio e 02 de junho, com característica semiaberta. Na transcrição das entrevistas, foram mantidos coloquialismos, cacoetes e pequenos erros da linguagem falada.

Há um outro ponto importante para destacar. A cobertura dos jornalistas envolve essencialmente Grêmio e Inter. A assessoria de imprensa do Inter possui um grupo no WhatsApp para repassar informações sobre o clube, e também onde os jornalistas podem fazer perguntas, para tirar algumas dúvidas. No Grêmio, o contato é direto com o assessor, e as informações são passadas pelo Twitter ou site oficial do clube.

5.1 Descrição analítica das rotinas produtivas dos repórteres das rádios Gaúcha e Grenal

A seguir, é apresentada uma descrição analítica das atividades observadas nas rotinas de produção dos jornalistas escolhidos para este estudo. Além disso, as entrevistas em profundidade são expostas para entender as percepções dos profissionais quanto ao uso da ferramenta em seu dia a dia.

5.1.1 Matheus D'Ávila

Matheus D'Ávila é um dos repórteres da Rádio Grenal. O profissional tem 23 anos e trabalha no radiojornalismo esportivo há 5 anos. Como é típico da profissão, D'Ávila não tem um horário de trabalho fixo, e foi observado tanto no turno da manhã, como à tarde. O jornalista foi acompanhado na redação no dia 01 de junho, pela manhã, e nos dias 06 e 14 de junho, em treinamentos no turno da tarde, no Centro de Treinamentos do Parque Gigante. Durante estes dias, D'Ávila estava cobrindo o Internacional, por isso, há situações em que recebe informações através do grupo oficial da assessoria.

A partir das observações, foi possível perceber que o WhatsApp está muito presente no dia a dia de trabalho do repórter. Matheus D'Ávila tem por característica, independentemente do turno, olhar o grupo de WhatsApp da Rádio Grenal antes mesmo de chegar na redação, para saber se há alguma informação relevante que precise conhecer. Neste grupo estão produtores, repórteres e alguns apresentadores da Grenal. Quando trabalha no período da tarde, D'Ávila também faz contato com o jornalista que cobriu o turno da manhã, para pegar as principais informações do setor. Este é um ponto importante da relevância do aplicativo em seu dia a dia, pois D'Ávila acredita que atualmente houve uma diminuição nas reuniões diá-

rias de pauta, justamente pelo fato de nos grupos, ou nos contatos individuais pelo WhatsApp, as informações já serem repassadas e recebidas facilmente.

A reunião de pauta, aquela que todo mundo se reunia em determinado momento do dia para conversar, ela praticamente não existe mais. Eu acho que esse tipo de reunião é feita esporadicamente, para tentar ajustar algo, e até fazer esse contato mais pessoal, olho no olho. A reunião de pauta que antes era de uma hora, meia hora, ela virou 24 horas, a qualquer momento você está recebendo mensagens e discutindo temas ligados ao trabalho e até trocando informações. Então, por esse lado, sim, o WhatsApp também facilitou bastante, e ao mesmo tempo te conectou de uma forma ao trabalho que você fica ligado a todo momento, e em todo lugar no que está acontecendo dentro da empresa. Então, você não perde o contato desde que você não queira, é só abrir lá a mensagenzinha, é só abrir o grupo, enfim, e participar da discussão, e se atualizar sobre o que está acontecendo. Então o WhatsApp também te permitiu isso, é muito mais fácil hoje você trocar informações com o colega, você debater uma determinada pauta, e até mesmo produzir um programa junto ao parceiro de bancada, ao parceiro de programação, do que anteriormente. Te deu essa facilidade e essa dificuldade também, você não consegue desligar, você não consegue desconectar diretamente do seu serviço (D'ÁVILA, 31 maio 2017).

Em seu depoimento, Matheus D'Ávila observa muito bem dois fenômenos ocorridos através da utilização do aplicativo. O primeiro, trazendo facilidades ao trabalho do repórter, que não perde tempo em reuniões e contatos longos para saber os assuntos que estão ocorrendo, ou que ainda irão acontecer, no ambiente de trabalho. E o segundo, que diz respeito a carga horária em que o profissional fica ligado a questões da sua atividade profissional, praticamente 24h por dia. Esta percepção vai ao encontro de algumas ideias trazidas por Ferraretto (2015) e destacadas no capítulo anterior. O autor falava das redes sociais, de uma maneira ampla, contudo a instantaneidade vista no WhatsApp é maior do que em qualquer outra rede social. Há também o fato de ser um aplicativo bastante pessoal, utilizado para contato com amigos, família, enfim, o que faz com que os profissionais observem as suas atualizações, mesmo fora do expediente.

Além do uso específico em seu dia a dia de repórter, D'Ávila também relata a importância do grupo para a organização da rádio de uma forma geral, principalmente pelo fato de ser um veículo que fala 24 horas de futebol, onde, por vezes, não há contato direto entre alguns profissionais.

O grupo de WhatsApp da rádio de produtores e repórteres, ele tem uma finalidade muito boa, e eu acho que é uma forma sim de organização. Hoje, projetando o que é a rádio, projetando a forma como os funcionários trabalham aqui dentro, uma rádio que tem uma programação extensa como a da Grenal, 24 horas ao vivo, 24 horas sendo produzida por sei lá 30 pessoas no máximo, sem um contato imediato e instantâneo a possibilidade de desorganização ela aumenta, por que tudo que acontece na rádio, ou pelo menos a maior parte das questões que entram no ar na rádio, passam pelo grupo de WhatsApp (D'ÁVILA, 31 maio 2017).

Este é um fato corroborado através da participação, durante os dias em que foi acompanhado, o repórter Matheus D'Ávila tinha por característica observar em diversos momentos o grupo interno da Rádio Grenal. Neste ponto, também é importante começarmos a separar as observações feitas nos treinos e na redação. Nas atividades externas, o profissional fez contato ao menos 5 vezes no dia com a produção do programa através do WhatsApp, mais especificamente pelo grupo da rádio. Há também diversos momentos em que ocorre o processo inverso, a produção manda a mensagem, para ter maiores detalhes do que ocorre na atividade acompanhada. De uma forma mais geral, as mensagens buscavam esclarecer os instantes em que o repórter entraria no ar, qual seria o horário do boletim, da entrevista coletiva, o dispositivo utilizado para falar na rádio, também para testar o equipamento de externa (Tieline), enfim, basicamente envolvendo questões técnicas e para programar as participações do repórter. D'Ávila ressalta a importância do aplicativo para a Rádio Grenal, principalmente pela estrutura da emissora no que diz respeito às questões técnicas.

O WhatsApp ele é a linha de serviço da Rádio Grenal nós conversamos por lá, não interessa se eu esteja no ar, não interessa se eu esteja fora do ar o contato ele é sempre via WhatsApp e é das duas partes, né. A produção conversa com o repórter por essa ferramenta e o repórter conversa com a produção por essa ferramenta, não existe um outro tipo de mecanismo, não há Nextel, não há rádio, não há ligação, por exemplo. Nós testamos equipamentos inclusive com o apoio do WhatsApp, você fala lá e o produtor manda pelo aplicativo se está chegando ou não, então talvez seja a grande diferença até por conta da estrutura. A estrutura da rádio faz a necessidade do WhatsApp se tornar ainda maior, então esse contato com a produção, ele se dá praticamente por WhatsApp, é muito difícil você receber uma ligação (D'ÁVILA, 31 maio 2017).

No acompanhamento realizado nos treinamentos, foi possível observar que realmente, a principal utilização do aplicativo pelo profissional era neste contato com a produção pelo grupo da rádio. Tanto que, no dia em que o jornalista permaneceu na redação, não houve nenhum contato com a produção do horário pelo WhatsApp, mesmo que o profissional tenha olhado o grupo da rádio, por exemplo. Aliás, está é uma característica, mesmo quando o assunto debatido neste grupo não diz respeito ao repórter, D'Ávila faz o acompanhamento das mensagens recebidas no grupo.

Exceto nesses casos citados, não há grandes diferenças na utilização do WhatsApp pelo repórter Matheus D'Ávila nos treinos ou na redação. Em dois, dos três dias observados, chamou a atenção que assessores de imprensa fizeram contato com o profissional, oferecendo pautas para entrevistas dentro da Rádio Grenal. O aplicativo neste ponto se torna importante para o contato externo com o próprio repórter, não apenas do profissional com suas fontes.

A partir do acompanhamento, foi possível observar que D'Ávila tem por característica fazer contato com fontes próximas, para manter uma boa relação, mesmo que não haja um motivo específico para falar com a pessoa. Este fato foi visto nos três dias de observações.

O WhatsApp te permite conversar a todo momento com a pessoa, então aquele contato que era antes só por telefone, foi afinando a ponto de a pessoa virar até uma fonte íntima tua, porque tu cria o vínculo de amizade. Tenho pessoas que converso sobre assuntos dos clubes, do meu trabalho, mas também converso sobre coisas que gostamos em comum. Aproximou, minha opinião é que o WhatsApp nos deu a possibilidade de se aproximar mais das pessoas, das fontes mais próximas. Isso não vale para fonte que tu não tem o contato diário, mas aquela pessoa que tu vê semanalmente, tu cria um vínculo muito maior. Deu até a possibilidade de a pessoa ter um pouco mais de descrição no momento de falar, porque quando você está digitando no WhatsApp, eu não sei com quem você está conversando, com uma ligação já é muito mais complicada (D'ÁVILA, 31 maio 2017).

Ainda neste quesito, vale destacar também os contatos realizados com fontes esporádicas. Durante os três dias, o repórter fez contato com três empresários, dois jornalistas de fora do Rio Grande do Sul e um dirigente do Inter, sempre pelo aplicativo. Em nenhum momento durante o acompanhamento, foi possível ver o repórter conversando com uma fonte pelo telefone. O telefone só foi utilizado em sua concepção inicial, quando precisava entrar no ar pelo aparelho, ou seja, os contatos com a produção também nunca foram realizados por meio de ligações.

Na forma como eu trabalho, a mensagem de texto é muito mais para algo objetivo, quando eu não conheço a fonte, quando eu não tenho essa proximidade, do que para algo mais aberto mais complexo. Até por que, qualquer tipo de vírgula mal colocada pode dar uma interpretação bem diferente à frase. Então, quando é algo objetivo, por exemplo, 'fulano está sendo contratado pelo clube?', sim ou não, a resposta não vai fugir disso, não vai ser um talvez, não vai ser algo subjetivo, a resposta vem de forma objetiva. Só que se é algo bem mais complexo, claro, o primeiro contato ele é feito pelo WhatsApp. Você acaba tentando fazer este tipo de contato pelo WhatsApp, até por que está no treino, está no ar, é a forma mais rápida de se trabalhar. Mas quando não vem a resposta que você deseja, ou quando você não compreende, eu acho que o contato telefônico é o próximo passo (D'ÁVILA, 31 maio 2017).

É importante ressaltar esta questão de interpretação das mensagens, e os tipos de contatos que são feitos pelo WhatsApp. Em nenhum momento, por exemplo, o repórter disse que o contato telefônico não é importante, contudo, ele diminuiu quando o profissional procura tratar de questões objetivas. Vale destacar também, que há uma preocupação com a forma como a pessoa entenderá a mensagem enviada, principalmente nos assuntos mais complexos, mas esta preocupação não está ligada apenas ao uso do aplicativo, visto que mesmo nos contatos pelo telefone, ou pessoalmente, pode ocorrer algum ruído na comunicação.

Neste contato com as fontes, também vale lembrar uma situação observada no dia em que o repórter se manteve na redação. O profissional precisava de um contato que não possu-

ía, por isso, mandou uma mensagem em um grupo com jornalistas de diversos estados do Brasil, para saber se alguém poderia passar o número desta fonte em potencial. Segundo os relatos do próprio repórter, este é um uso feito com frequência no seu dia a dia, principalmente quando há janelas de transferências.

Eu tenho quatro grupos basicamente pra trabalhar com transferências e com informações que estão longe de Porto Alegre. Um grupo é nacional, que é sobre a série A do Campeonato Brasileiro estão só jornalistas que têm ligação com os vinte clubes. Tenho um grupo da série B do Campeonato Brasileiro que também possui jornalistas de vários cantos que cobrem times da série B, então sei lá quantas pessoas estão envolvidas nesses dois grupos. E tenho dois grupos de futebol internacional, que daí envolvem jornalistas argentinos, uruguaios, peruanos, chilenos, enfim, onde há uma troca de informações e contatos também, é muito bom, muito funcional por que todo mundo acaba participando (D'ÁVILA, 31 maio 2017).

Dentro deste contexto da busca de fontes, há outros pontos a destacar, primeiro, em um viés econômico pelos contatos com outros estados e até mesmo com o exterior. Antigamente, havia um gasto bastante considerável com ligações internacionais para buscar informações de transferências, fato modificado pelo uso do WhatsApp.

Talvez pelo valor, antes pra você receber qualquer tipo de informação você precisava ligar e gastava telefone da empresa. E nós sabemos quanto nós gastamos de telefone, a empresa sempre passa esse feedback por qualquer tipo de ligação. Hoje não, hoje você manda uma mensagem, e o jornalista lá do outro lado acaba te passando o contato de quem você quer via também mensagem de texto, então essa interatividade ela permitiu romper qualquer tipo de fronteira. Hoje você fala com repórter do Rio de Janeiro, ou com um repórter em, sei lá, Caracas (Venezuela) com a mesma facilidade, você consegue com poucos toques receber a informação que você quer. E aí, não interessa se você fala espanhol, se você não fala espanhol, você consegue interagir da mesma forma como por vezes você está com o celular parado, toca o celular toca o WhatsApp e você vê que o número é de fora, é alguém que conseguiu o seu número e que está mandando mensagens e querendo algum tipo de informação, então o WhatsApp ele rompeu com qualquer tipo de fronteira e hoje você trabalha com informações de qualquer lugar do mundo (D'ÁVILA, 31 maio 2017).

Este é outro tema interessante, as informações já se tornaram cada vez mais globalizadas a partir do advento da internet, contudo, o aplicativo permitiu uma interatividade instantânea com qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, e claro, sem custos.

Ainda dentro deste viés econômico, o repórter admite que realiza entrevistas inteiras com ligações do WhatsApp, ao invés de ligações convencionais. D'Ávila também traz uma percepção quanto ao uso do aplicativo dentro e fora do Brasil.

Eu faço entrevistas pelo aplicativo, principalmente com jornalistas ou com dirigentes de clubes do exterior. Eu tenho uma ideia, na verdade é um sentimento, não tenho isso comprovado, de que a ligação por WhatsApp, ela é muito mais comum fora do Brasil do que no Brasil. Se eu ligar, por exemplo, para um dirigente da dupla Grenal pelo WhatsApp, dificilmente ele vai me atender, já dirigente de outros clubes do exterior, da Argentina, Uruguai, Paraguai, eles ligam pelo WhatsApp, eles retornam ligação pelo WhatsApp, empresário de fora me ligam pelo WhatsApp, então parece que isso é muito mais comum fora do Brasil do que no Brasil. É uma facilidade por que

você precisa apenas de internet, acho que todo mundo tem internet hoje no celular, se não tem internet você tem uma rede *wi-fi* em algum momento do seu dia então você não gasta telefone, só precisa estar conectado. Isso acaba sendo uma facilidade que também é utilizada quando nós estamos em viagem, por que antes, você levava o aparelho de transmissão da rádio e um aparelho celular para entrar em contato com a produção, hoje não, hoje você usa o seu celular, o seu aparelho, sem pagar deslocamento por conta da facilidade da internet e do aplicativo (D'ÁVILA, 31 maio 2017).

Isto também se torna relevante de observar, à medida que a maioria das emissoras de rádio de Porto Alegre vive uma crise financeira, havendo possibilidade para gastar menos com as viagens, ou entrevistas, ela precisa ser utilizada, como é no dia a dia de Matheus D'Ávila. O segundo ponto, diz respeito à formulação da agenda com o uso do aplicativo. A partir da observação relatada anteriormente, quando foi possível notar o repórter buscando contatos com colegas através do aplicativo, e nos próprios comentários de Matheus D'Ávila, fica evidente que o WhatsApp contribui para a confecção da agenda do profissional.

Eu tinha um caderno quando eu comecei a trabalhar em rádio, um bloco, e como eu produzia eu anotava todos os meus números no bloco, só que trabalhar com caderno é horrível pela organização, então por exemplo eu colocava alguém no ar em janeiro em outubro eu queria o contato daquela pessoa de novo e eu sabia que eu tinha falado com a pessoa no início do ano, então eu tinha que localizar o mês de janeiro dentro do meu caderno e tentar puxar por uma memória quase que fotográfica onde estava o número do telefone, em qual página, em que canto eu tinha anotado e ficava olhando, procurando. Então era uma dificuldade muito grande. Então quando o WhatsApp apareceu, ele permitiu não só que você tivesse os principais números com quem você falava normalmente, mas também trocasse contatos e salvasse já imediatamente. Essa função de poder trocar contatos e salvar já imediatamente organizou em 200% a minha agenda. Hoje eu escrevo, sei lá, Atlético Goianiense, o nome de um clube, e aparecem todos os contatos que eu tenho do Atlético Goianiense. Pela facilidade que o celular te dá, de salvar, colocar informações, mas graças também ao WhatsApp que me propiciou vários contatos importantes pro meu dia a dia (D'ÁVILA, 31 maio 2017).

Neste contexto globalizado, e, em uma rádio que fala 24 horas de futebol, é fundamental que o repórter tenha os mais variados contatos, para tratar dos mais diferentes times e jogadores, além, é claro, do auxílio na busca por informações dentro de uma janela de transferências. Nestes grupos, com profissionais de todo o mundo, por vezes, chegam informações sobre interesse de determinada equipe em algum jogador da dupla Grenal, ou, ao contrário, notícias de que Grêmio e Inter estão buscando a contratação de algum atleta.

Por todos os pontos já elencados, é possível observar que as informações chegam de maneira mais fácil no repórter, sejam elas da produção, de fontes, de colegas, ou mesmo assessorias. A partir desta lógica, D'Ávila valoriza dois fatores proporcionado pelo aplicativo, a praticidade para as fontes mandarem informações e a privacidade gerada pela troca de mensagens, em detrimento das ligações.

Deu até a possibilidade de a pessoa ter um pouco mais de discricão no momento de falar, porque quando você está digitando no WhatsApp, eu não sei com quem você está conversando, com uma ligação já é muito mais complicada. Reunião de conselho é um exemplo banal. O cara está lá ouvindo o que os conselheiros estão falando, antigamente ficávamos do lado de fora do conselho. Hoje, o conselheiro que está lá dentro te manda as informações pelo WhatsApp (D'ÁVILA, 31 maio 2017).

No que foi possível ver nas observações, estes foram as principais utilidades do aplicativo para o repórter Matheus D'Ávila, contudo, durante a entrevista em profundidade, outros pontos foram levantados. O principal deles, diz respeito ao uso do aplicativo para enviar materiais sonoros, fotos e vídeos para a redação. Durante a observação não foi possível perceber, em nenhum momento, este tipo de utilidade no aplicativo. Isto se deve ao fato de a Rádio Grenal ainda não contar com uma grande equipe digital, ou seja, o repórter não tem tanta necessidade de enviar este tipo de material. O detalhe, é que isso não significa que o profissional não seja multitarefa, visto que ele faz sim, fotos e vídeos, contudo, posta nas suas próprias redes sociais, principalmente no Twitter. E para finalizar, o envio de materiais sonoros pelo aplicativo é evitado pelo repórter, que prefere mandar por e-mail, por conta da qualidade de áudio, que segundo o profissional, diminui no WhatsApp.

5.1.2 Diogo Rossi

Diogo Rossi também é um dos repórteres da Rádio Grenal. O profissional tem 24 anos e trabalha no radiojornalismo esportivo há 6 anos. Por ser coordenador dentro da Grenal, Diogo trabalha preferencialmente no turno da tarde, mas por vezes, também exerce suas atividades pela manhã. O jornalista foi acompanhado sempre no turno da tarde, quando fazia a cobertura do Grêmio. No dia 05 de junho estive na redação, e nos dias 16 e 21 estive nos treinamentos da equipe no Centro de Treinamentos Presidente Luiz Carvalho.

Assim como o repórter anterior, Diogo Rossi possui o hábito de olhar o grupo da rádio para saber se há algo relevante antes de começar o seu setor.

O grupo da rádio tem como principal objetivo trocar informação entre os colegas, não do que vai pro ar, mas trocar informação do que tá acontecendo na rádio, se eu to no setor, que horas eu vou chegar, como é que eu vou mandar minha manchete, como é que vai funcionar o programa tal, quem é que tá em qual programa, quais convidados a gente vai trazer, se alguém tá precisando de alguma ajuda, se alguém não tá precisando (ROSSI, 26 maio 2017).

Neste quesito, vale destacar que a utilização de Diogo Rossi é muito parecida com a de Matheus D'Ávila, ambos utilizam o grupo de WhatsApp da Rádio Grenal como uma espé-

cie de linha de serviço. Diogo tem até uma média maior de participação no grupo, em um dos dias de treinamento, em 10 oportunidades trocou mensagens com a produção através do grupo.

Eu uso com a produção pra reclamar, pra perguntar, pra cobrar, pra pedir ajuda, auxílio. Eu acho que antigamente, aí eu faço uma avaliação da minha vertente de produtor para repórter. Quando eu era produtor não tinha contato por Whats, ainda era muito inicial, essa coisa de conversar por Whats. Era por telefone e tal, então eu ligava todo dia pro repórter cedo pra cobrar ele de alguma coisa, e talvez ele nem tinha nada pra me dizer. Aí fica aquela coisa de ‘eae, tudo bem? Precisando de alguma ajuda?’. Só que daí na hora que ele realmente precisava da ajuda ele tinha que me ligar pra que eu pudesse ligar pra ele, ou seja, complicava um pouco então acho que isso é mais prático porque tu tem mais instantaneidade nas coisas que tu acaba fazendo (ROSSI, 26 maio 2017).

Esta instantaneidade se torna fundamental no rádio atual, principalmente, pelas limitações técnicas da Rádio Grenal, já citadas anteriormente. O aplicativo acaba tendo uma função importantíssima no contato dos repórteres com os produtores, para alinhar diversos aspectos da participação nos programas, mas também na troca de informações pelos profissionais.

Quando não está nos treinamentos, a participação no grupo também é maior do que a de D’Ávila, muito pelo fato de Diogo ocupar um cargo de chefia dentro da rádio. Por conta disso, precisa intervir em alguns outros assuntos que fogem apenas do dia a dia de repórter. É interessante ressaltar que o grupo utilizado atualmente foi criado por Diogo, após o último precisar ser excluído por problemas de relacionamento interno. O repórter faz algumas ressalvas quanto a utilização deste meio de comunicação entre os profissionais da rádio.

Um grupo de Whats, é um ambiente de relacionamento, o grupo também né, então o grupo de Whats é um grupo de pessoas, com opiniões diferentes, com coisas diferentes. Se tu trabalhar com uma pessoa cara a cara já é difícil imagina no Whats. No Whats tu não sabe como é que o cara tá se sentindo, tu não sabe o que o cara tá te dizendo, então, as vezes, eu posso mandar um ok, que é só uma coisa por eu estar correndo, só que daí o cara que tá do outro lado ele já pensa ‘po, mas esse louco foi grosso comigo, que que ele tá pensando?’. [...] Então eu acho que grupo da radio não da pra existir, grupo da radio, com todo mundo. Tem que existir um grupo da produção com uns dois ou três, uma coisa mais prática, grupo da radio não dá certo, por que sempre da briga (ROSSI, 26 maio 2017).

Portanto, este é um cuidado que deve ser tomado pelos profissionais ao utilizarem os grupos do trabalho, para que os assuntos tratados no ambiente digam respeito exclusivamente a coisas práticas do dia a dia, evitando possíveis desvios de foco no objetivo geral do grupo.

Outro hábito que é repetido pelos dois profissionais da Rádio Grenal analisados, é o contato direto com os setoristas que trabalharam no turno anterior ou posterior, para saber/passar informações relevantes. Isto se deve pelo fato de, na maioria das vezes, os repórte-

res da manhã não encontrarem os profissionais que trabalham no período da tarde na redação, sendo assim, o contato pelo WhatsApp é uma forma de trocar informações rápidas sobre o dia da equipe a ser acompanhada.

Nos períodos de acompanhamento do repórter Diogo Rossi, não aconteceu nenhum tipo de especulação quanto a negociações, portanto, não houve uma utilização no sentido de buscar contatos, conversas específicas com fontes, enfim. Contudo, vale destacar a opinião do profissional quanto às possibilidades de uso do aplicativo nestes momentos. Primeiramente, Diogo comenta o contato com fontes esporádicas através do WhatsApp.

Eu acho que facilita, é mais ágil, te aproxima, te distancia fisicamente das pessoas, mas te aproxima em contato, às vezes, tu consegue te relacionar mais facilmente com uma pessoa no WhatsApp. Tem fontes, por exemplo, que eu tenho hoje, que eu não tinha na época que não existia Whats, porque, às vezes, a pessoa fica um pouco incomodada com ligações por telefone, intimidada de passar algum tipo de informação, no Whats é mais fácil, por que é bastante privado. [...] Eu acho que o contato é mais direto, eu acho que a fonte se sente mais tranquila em responder por Whats do que por telefone, eu penso por mim, por exemplo, eu não gosto de atender telefone, eu odeio atender telefone, então pessoas que falam comigo por Whats tem uma resposta bem mais interessada do que se me ligassem (ROSSI, 26 maio 2017).

Este pensamento vai ao encontro também a ideia já tratada neste trabalho, de que o WhatsApp proporciona uma maior discricção para as fontes, assim como o conceito de maior agilidade na obtenção de informação através do aplicativo. Ainda neste sentido, o repórter afirma que aumentou a facilidade na busca de informações em períodos de transferência, contudo, faz um alerta quanto às possibilidades de cometer erros, justamente pela agilidade dos contatos.

Acho que o Whats fez crescer a relação pra buscar informações sobre o mercado de transferências, só que também aumentou a possibilidade do erro, porque tu pode contatar muito mais pessoas de opiniões diferentes. No Whats o cara pode te dizer várias coisas que vão te tirar do caminho, ou vão te colocar, claro tem prós e contras. Mas é que no Whats às vezes, por exemplo, vamos dizer que o Inter e o Grêmio tão contratando um cara que tá jogando na Espanha, daí tu não tem contato direto com os caras da Espanha, com fontes ou qualquer tipo de empresário. Aí tu manda um Whats pra um colega de lá, e o cara te manda Whats dizendo que gosta muito desse jogador, que ele joga assim, assim, e assim. Ou então, não gosta dele por isso, isso, e isso. Tu agrega muita informação, que às vezes, pode te atrapalhar. Acho que isso é bom, tu consegue opiniões distintas, mas às vezes tu te perde, é complicado, eu acho que aumentou também a possibilidade de erro com esse negócio do WhatsApp (ROSSI, 26 maio 2017).

Este é um fator interessante para se analisar, com a velocidade da informação e a instantaneidade do aplicativo, por vezes, a apuração pode acabar sendo comprometida, se o profissional não refletir quanto às informações obtidas. Pois a mesma facilidade que há para uma fonte passar informação “quente”, também há para repassar algo que não seja verdadeiro.

Cabe aos profissionais avaliarem muito bem o que recebem, antes de efetivamente transformarem aquilo em uma notícia. Além disso, mas ainda com este foco, também é importante falar da utilização do aplicativo para a formulação de agenda e busca de contatos, fator que é valorizado por Diogo.

Ba, muito melhor, eu tenho muito mais contatos agora, e às vezes eu nem tenho salvo, mas eu tenho ali em conversas. Então, às vezes, eu não salvei um contato, me esqueci, mas eu sei que numa conversa alguém pediu ou posso pesquisar o nome do cara numa conversa e vem aquele contato. Eu acho que o Whats aumentou muito o número de contatos que o cara faz porque fica bem mais fácil a possibilidade de tentar ter um contato novo que talvez tu não tenha. Que ver um exemplo? Quando eu tava na produção, eu queria entrevistar o Diego Costa. Aí eu liguei pra o Marca na Espanha pra pedir o contato e o cara disse ‘eu não tenho aqui, eu te mando por e-mail’, aí eu dei o e-mail e levei 48 horas pra conseguir o contato do Diego Costa, eu até acho que foi rápido. Mas, por exemplo, hoje em dia em qualquer grupo que eu colocar ‘alguém tem o contato do Diego Costa?’, puff, aí certamente vão mandar. Então acelerou também a busca por contato, que automaticamente acelera outros processos (ROSSI, 26 maio 2017).

Estes contatos pelo aplicativo, principalmente com o exterior, geram uma economia na conta telefônica do repórter e também da empresa. Por estar em um cargo de chefia, Diogo acompanha este processo mais de perto, e também ressalta a importância do WhatsApp como ferramenta de comunicação durante as viagens realizadas pela rádio.

Cara a gente tinha um telefone da rádio que era pra ligar quando o cara saísse. Hoje em dia não tem mais, porque pode fazer o contato direto por Whats. Acho que traz muita economia, é evidente, mas pode correr o risco de dar algum problema com o sinal de internet. Então é importante ter também a segunda opção, que é de ter um telefone pra entrar em contato com a pessoa (ROSSI, 26 maio 2017).

É importante ressaltar aqui, que, em nenhum momento, se prega a substituição do aplicativo pela função tradicional do telefone, na verdade, a visão neste trabalho é de complementariedade das funções. Um avanço, um auxílio nos processos vividos na rotina de trabalho dos repórteres esportivos.

Por fim, vale lembrar a utilização multimídia proporcionada pelo aplicativo. Durante a observação, foi possível ver o profissional enviando fotos das entrevistas coletivas para o grupo da rádio. Contudo, há uma percepção destacada pelo jornalista de que o aplicativo não é satisfatório para o envio de alguns materiais.

Cara eu uso o Whats só pra mandar foto. Eu não gosto de mandar áudio pelo Whats, porque acho que perde um pouco a qualidade. Eu não gravo boletim pelo Whats, tem vários colegas que gravam, mas eu não gravo, eu prefiro usar aplicativos pra gravar e enviar por e-mail, acho que ganha em qualidade. Também encaminho vídeos, mas pela necessidade de ser mais rápido, eu prefiro publicar no meu Twitter do que mandar (ROSSI, 26 maio 2017).

Novamente, uma característica muito parecida com a do repórter Matheus D'Ávila, principalmente pelo fato de a Rádio Grenal não possuir um departamento digital forte, logo, os profissionais acabam publicando os materiais multimídia em suas próprias contas, ao invés de enviarem para a redação.

5.1.3 Rodrigo Oliveira

Rodrigo Oliveira é repórter do setor de esporte da Rádio Gaúcha. O jornalista começou a sua carreira há 10 anos, ainda como produtor. Hoje, com 28 anos de idade, exerce a função de repórter. Assim como os profissionais anteriores, Rodrigo não possui uma rotina de horários fixa, e trabalha por escala. Neste caso, o repórter foi acompanhado apenas em dias que estava trabalhando à tarde, e enquanto cobria o Grêmio. Rodrigo Oliveira foi observado nos dias 09 e 22 de junho nos treinamentos do Tricolor no Centro de Treinamentos Presidente Luiz Carvalho, e no dia 12 de junho na redação da Rádio Gaúcha.

De imediato, é possível perceber que Rodrigo Oliveira utiliza muito o WhatsApp em seu dia a dia. O jornalista tem a característica de observar o celular a todo momento, trocando mensagens ou aguardando contatos. De todos os repórteres observados, certamente Rodrigo é o que mais se utiliza do aplicativo na sua rotina, fato que ficou notável com os acompanhamentos. “Muitas vezes eu nem percebo que estou usando, até quando tu me convidou pra fazer essa entrevista, eu parei pra pensar: po mas eu usei o WhatsApp quantas vezes hoje?”, refletiu.

Nos dois dias em que estive nos treinamentos do Grêmio, logo no início do turno de trabalho, o repórter fez contato direto com a assessoria de imprensa do clube, para confirmar o horário do treinamento e perguntar sobre a expectativa para a entrevista coletiva.

Na Rádio Gaúcha, há dois grupos de WhatsApp. Um deles em conjunto com a Zero Hora, para troca de informações sobre a dupla Grenal, e também por onde os profissionais devem enviar matérias, fotos, vídeos, enfim, todo o tipo de material multimídia. O outro, apenas da rádio, mas não há um debate intenso sobre a programação pelo grupo, ou mesmo contato com a produção, diferentemente do que ocorria com os profissionais da Grenal.

É útil, mas eu não acho que é tão importante assim. Eu particularmente prefiro falar diretamente com quem eu tenho que falar, por exemplo, se eu to no setor do Grêmio e cheguei na Arena, ninguém precisa saber disso sem ser o produtor e o apresentador, então eu não vejo como essencial. Ajuda pra algumas questões, mas eu acho pelo menos que a maior parte das coisas que a gente pode falar é melhor tu falar diretamente pras pessoas, até pra evitar ruídos. E isso não é só no jornalismo, em qualquer lugar o

grupo de WhatsApp é muito perigoso, tu fala num grupo, há a possibilidade de alguém se ofender, até porque ela não sabe o tom que tu disse, é muito complicado, mas na Gaúcha nós nunca tivemos problemas com isso. Até ajuda pra algumas coisas, se tem uma jornada, por exemplo, e tu quer avisar que ta tendo um problema, e não ta conseguindo falar com o operador, tu manda no grupo e alguém vai avisar, são situações bem pontuais. Eu não vejo o grupo entre os colega tão essencial assim (OLIVEIRA, 1º jun. 2017).

Este é um fato interessante, das diferenças entre as necessidades dos profissionais observados, enquanto na Grenal, o grupo é fundamental para manter todos informados quanto à programação da rádio, por ser 24h e também para alguns outros contatos, na Gaúcha, ao menos para Rodrigo Oliveira, o grupo não é tão importante.

Ainda neste assunto, o grupo para envio de materiais multimídia é muito utilizado por Rodrigo Oliveira. Nos dois dias em que foi acompanhado em treinamentos, enviou cinco matérias, diversas fotos e também alguns vídeos para que os responsáveis na redação publicassem os materiais no site e nas redes sociais dos veículos do Grupo RBS. Aqui, há outra diferença bem nítida quanto aos profissionais das duas rádios, na Gaúcha, o jornalista multitarefa é mais evidente do que na Grenal, justamente pela estrutura de departamento digital nas duas emissoras.

Com certeza é muito mais prático mandar por WhatsApp do que por e-mail, muito mais prático o WhatsApp. Ele abre no celular muito mais fácil do que abre o e-mail no celular e a gente tem que fazer matérias de texto das pautas. Só o tempo de abrir o notebook, escrever, o tempo de escrever no notebook é o mesmo do que no celular, mas até tu abrir o notebook, conectar na internet, o tempo de tu acessar o e-mail, o tempo de botar no e-mail, de colocar as pessoas, só aí tu escreve duas matérias. Esse tempo não existe no WhatsApp, porque tu escreveu mandou, e pra fotos é mais importante ainda, a foto carrega muito mais rápido, o vídeo também. No e-mail carrega, dependendo do tamanho, nem carrega no e-mail, então é outra utilidade muito importante (OLIVEIRA, 1º jun. 2017).

Portanto, o aplicativo é visto como um facilitador na rotina do repórter multitarefa, neste contexto hipermediático em que os profissionais estão inseridos, a agilidade é importantíssima dentro do dia a dia do jornalista. Contudo, também é importante ressaltar que, quando o profissional permanece na redação, as matérias não são enviadas pelo aplicativo, o próprio repórter as publica no site da empresa, ou envia por e-mail.

Além destas primeiras impressões, ficou nítida a importância do aplicativo no contato de Rodrigo com a produção. Em diversos momentos, durante os treinamentos, Rodrigo Oliveira fazia contato diretamente com o produtor do horário, para passar feedbacks do que ocorria e também combinar como entraria no ar.

É fundamental, fundamental. [...] Eu vou falar como se eu fosse um senhor lembrando da década de 60, não, eu to falando de três anos atrás. Pra tu avisar um produtor que tu tava a postos, tu tinha que mandar um SMS, sem ter a certeza que ele ia

ver, tu não tinha ideia se ele viu ou não, tu ficava naquela agonia, ou então ligava. E hoje, por exemplo, se eu to no setor do Grêmio e ligo pro produtor pra dizer: ‘ó eu to aqui no setor já, ta?’. Provavelmente o produtor vai dizer: ‘ta e tu me ligou só pra falar isso?’. O normal é falar pelo WhatsApp, e vale o contrário, o produtor mandar ‘ó faz um boletim de dois minutos que ta estourado, faz mais curto’, então isso torna mais ágil. Certamente é algo que tornou muito mais fácil o nosso processo (OLIVEIRA, 1º jun. 2017).

Fica evidente a importância do aplicativo durante a rotina de trabalho do repórter, principalmente, neste quesito, dos processos internos da empresa. Um ponto fundamental a ressaltar aqui, diz respeito à parte técnica das duas rádios. Enquanto na Grenal, havia a necessidade de testar os equipamentos com o WhatsApp funcionando praticamente como um retorno, na Gaúcha isto não é necessário, pois há um departamento técnico muito mais desenvolvido.

Seguindo com as observações a partir do trabalho de Rodrigo Oliveira, foi possível ver o profissional buscando contatos e informações, por conta de especulações sobre a transferência de um atleta. Inclusive, o repórter considera que há três pontos principais de utilização do aplicativo em sua rotina, o terceiro, já citado, a relação com a produção. Os dois primeiros, são a busca por contatos, e a confirmação de informações com as fontes.

Acho que a principal (utilização) é pra conseguir telefone, eu lembro que de novo eu vou falar parece um tio relembrando do tema, mas a gente ta falando de coisa de dois, três anos. O Inter está contratando um jogador na Argentina e o Grêmio está contratando um jogador no Equador, ligava pra rádio do Equador, e aí não tinha ninguém do esporte, ligava pro jornal da Argentina, o cara que cobre o clube tal ta fora, me passa o telefone? A não posso passar o telefone. Tinha que ligar duas horas depois. Hoje, eu simplesmente vou num dos tantos grupos de WhatsApp de jornalistas da América do Latina e pergunto se alguém tem o telefone do jogador tal. A maioria das vezes, vem imediatamente o telefone, eu já vou lá e ligo pro jogador, e às vezes o próprio jogador responde no WhatsApp, então eu diria que pra descobrir contatos é o mais importante. Segunda coisa mais importante é pra tu conseguir chegar até as pessoas, que eu te falei antes às vezes o cara não atende o telefone, porque não pode ou porque não quer, e o WhatsApp acaba sendo mais fácil de tu encontra o entrevistado ou conseguir a entrevista (OLIVEIRA, 1º jun. 2017).

Esta busca por contatos em grupos, ou mesmo com colegas, em específico, é bastante destacada por todos os repórteres que foram acompanhados neste trabalho, o que facilita e agiliza os processos na busca pela notícia, ou mesmo por alguma entrevista em especial. Ainda sobre este fator, Rodrigo salienta a relevância do instrumento na construção de uma agenda.

Ajuda umas dez vezes mais. Não vale pra Grêmio e Inter, porque a gente já trabalha aqui, mas supomos que repentinamente eu, ou tu, fôssemos trabalhar em Belo Horizonte. Não temos o contato dos dirigentes do Cruzeiro nem do Atlético, não temos o contato dos empresários e nem os dos jogadores, vamos criar uma agenda. Sem WhatsApp como é que tu faria? Ligaria pra Itatiaia, ligaria para o Estado de Minas, ligaria pra Super Esportes, quem sabe [...] ia ligar pra redação, quem tem não ia ter,

bah só tá o do Atlético o do Cruzeiro não tá, e empresário? Olha eu só tenho desse, talvez tu fosse levar um mês pra ter uma agenda boa. No WhatsApp os telefones básicos, estando nos grupos certos ou falando com os setoristas tu conseguiria talvez em um dia o que sem o WhatsApp tu levaria um mês. Para a composição de uma agenda o WhatsApp ele ajuda muito, não tenho nem dúvida (OLIVEIRA, 1º jun. 2017).

Sobre a obtenção de entrevistas citada anteriormente, e até mesmo a realização de pautas pelo aplicativo, Rodrigo faz um alerta, pois acredita que os profissionais não podem se desleixar por conta da facilidade proporcionada pela tecnologia.

Um cuidado que a gente tem que ter, é cuidar pra não deixar que as facilidades do WhatsApp te deixem acomodado, e não pesquise de forma mais profunda. Porquê da mesma maneira que uma conversa olho no olho pode te dar muito mais elementos que uma conversa por telefone, uma conversa por telefone te dá muito mais elementos do que uma conversa pelo WhatsApp, que o cara pode pensar, que tu não vê nem o suspiro, nem o tom que ele ta falando. Então, o WhatsApp tem que ser um acessório, não pode substituir a entrevista olho no olho, nem a entrevista por telefone, prova disso é que tu podendo refazer todas essas perguntas por WhatsApp tu escolheu vir até aqui, vale o mesmo para as entrevistas da rádio (OLIVEIRA, 1º jun. 2017).

Isto é algo interessante de se debater, pois, por vezes há um acomodamento dos profissionais pelas facilidades vindas das inovações. Neste ponto, as ideias de Rodrigo vão ao encontro a alguns conceitos de Thompsom (2002), na relação das mediações sociais.

Apesar de algumas ressalvas na declaração, em nenhum momento foi possível observar Rodrigo efetuando uma ligação para uma fonte, para conferir informações, ou manter um bom relacionamento. Este contato foi realizado estreitamente por WhatsApp no período de acompanhamento, talvez, pelo fato de os assuntos terem ficado na base da especulação, sem grandes avanços de negociação. Ainda sobre a busca por informações, Rodrigo também ressalta fatores positivos do aplicativo, como por exemplo, velocidade e facilidade proporcionadas pelo WhatsApp, em comparação a formas mais antigas de pesquisa e busca pela notícia.

Tem muita coisa positiva, muita informação que antes a gente precisava de muito mais pesquisa, de muito mais tempo, a gente consegue de uma forma quase instantânea. Inclusive eu acho que o WhatsApp pode ser definido como uma terceira era na pesquisa de informação, na apuração de informação, porquê da mesma maneira que as gerações anteriores, por vezes, pra pesquisar uma informação, tinham que ir na biblioteca, tinham que consultar uma enciclopédia, e isso demandava muito tempo. A segunda geração que veio, e eu fiz parte do final desse período, tinha que ligar, então tu vê, a coisa tá indo tão rápido, que a gente já fala o tempo que se ligava, do tempo em que se fazia uma chamada telefônica, como se fosse uma coisa que não é muito recente. E agora tu consegue tudo por WhatsApp, dependendo do contato que tu faz a pessoa chega e fala: 'pô tu me ligou pra isso? Porque não mandou um WhatsApp', então tirar dúvidas sobre determinada informação ficou mais fácil (OLIVEIRA, 1º jun. 2017).

Esta percepção se torna importantíssima para os objetivos deste trabalho, pois demonstra o quanto o aplicativo faz diferença no trabalho do repórter de radiojornalismo esporádico. O contato inicial citado por Rodrigo, ou mesmo objetivo, parece ser a maior facilidade

através do aplicativo na relação com a fonte, pois não atrapalha o dia a dia dela, e permite que a resposta venha de maneira instantânea.

Para finalizar, também foi possível observar que informações chegavam ao repórter através de fontes e/ou colegas de outros estados. Está é uma característica que parece ter sido facilitada pelo uso do aplicativo, pois há discricão, além da facilidade pela instantaneidade. Nesta perspectiva, vale destacar dois trechos da entrevista com Rodrigo Oliveira. No primeiro, chega uma informação ao WhatsApp do repórter, mas o jornalista toma todo o cuidado para conferir, antes de falar no ar, ou publicar a notícia nas redes sociais.

Tem que ter cuidado pra não cair na zona de conforto das facilidades que o WhatsApp proporciona, tem que tomar cuidado, pra checar, ter mais critério ainda pra checar uma informação que tu vê no WhatsApp. Vou dar um exemplo, teve aquela nota que alguns advogados soltaram em apoio aos advogados do Inter, e em repúdio ao tratamento que o STJD ta dando ao Inter. Eu recebi essa nota de uma fonte de WhatsApp, e eu não tinha certeza se essa nota era verdadeira, porque era eletrônico, dizia a nota e dizia o nome dos que assinaram. Como é que eu vou saber se aqueles caras realmente assinaram, não tem como. Se tem as assinaturas tu ainda pode dizer que eles falsificaram as assinaturas, ali não, tu pode ir lá escrever que o Filipe Kunrath assinou, e não necessariamente ele assinou. Eu não publiquei imediatamente, eu olhei os que assinaram, procurei um dos caras que eu conhecia que eu tinha o telefone que era o André Sica que é o advogado do Palmeiras, mandei um WhatsApp pra ele ‘Drº André olha isso que eu recebi, é autentico?’, e ele não só confirmou que era autentico como me disse que não estava atualizada a lista, porque mais nomes tinham assinado, e me mandou a versão atualizada. Nesse tempo que eu demorei entre receber a nota e checar a autenticidade da nota, eu perdi o furo, se eu tivesse sido mais imprudente ou me arriscado a confiar, eu teria dado antes a notícia. Mas eu preferi, e obviamente eu fiz certo, não me arrependo, eu preferi checar pra ter certeza até por que no mundo das redes sociais, na minha opinião, o furo segue sendo importante, mas tem uma coisa que é mais importante que o furo, que é a credibilidade. Porque furo não precisa ser jornalista, tu cria um perfil no Twitter tu pode dar furo, agora a credibilidade tem que as pessoas olharem e saberem que se esse deu, então é verdade. Então é isso que eu gostaria de dizer, nesse caso eu perdi o furo, mas eu consegui ter a garantia de que aquilo é verdadeiro, e publiquei depois algo até mais completo do que o que eu tinha recebido originalmente (OLIVEIRA, 1º jun. 2017).

Neste exemplo, ficam claras algumas questões importantes quanto ao jornalismo na atualidade, com a velocidade da informação, e a necessidade de o profissional ter responsabilidade naquilo que publica. Contudo, além disso, este exemplo também mostra momentos importantes do próprio aplicativo no processo de obtenção da notícia. A informação chegou de maneira espontânea e rápida ao WhatsApp do repórter, que para conferir, utilizou-se do próprio aplicativo para enviar mensagem a um conhecido e confirmar a informação. Ainda há a possibilidade de o contato do Drº André (número do telefone) ter sido obtido através do WhatsApp, em outra oportunidade.

A exemplo deste primeiro depoimento, Rodrigo Oliveira também citou outra oportunidade em que a informação chegou de forma espontânea ao seu WhatsApp, e de forma imediata.

O WhatsApp é bom para as informações chegarem até ti, às vezes uma fonte não teria o trabalho de te ligar para te passar uma informação, e já no WhatsApp ele passa. Na demissão do técnico do Inter, eu tava lá no vestiário, já tinha acabado de dar a entrevista do Melo e todo mundo já sabia que ele ia cair e a gente começou a projetar técnico e me perguntaram, o Gabardo me fez a pergunta natural ‘quem é que pode ser?’. Obviamente não tínhamos ainda a informação, o cara tava começando a cair, mas eu disse, olha os dois candidatos naturais são os dois técnicos de maior renome que estão desempregados, o Levir Cupi e o Marcelo Oliveira. Imediatamente depois que eu falei isso, uma fonte me mandou um WhatsApp e disse: ‘olha a direção gosta muito do Guto Ferreira, eles inclusive tentaram o Guto antes do Zago’, a fonte me mandou pelo WhatsApp, uma fonte que eu confio. E aí eu disse no ar: ‘olha, tem uma outra informação, um nome que a gente não pode descartar é o do Guto Ferreira, porque ele foi tentado, só que ele tá empregado, o Inter teria que negociar a rescisão dele com o Bahia’. Possivelmente esse cara não me ligaria, porque ele sabe que eu tava lá em meio a muito repórteres e se eu atendesse ‘alo Fulano’, eu não teria tranquilidade, privacidade pra falar com ele. Ia dizer: ‘ba, eu não vou ligar, as pessoas vão ver quem é que ligou’, no WhatsApp a fonte sabia que eu ia ver e saber, e a informação não era que o Guto estava sendo tentado ou era cogitado. A informação era de que a direção gostava do Guto, e não podia se descartar aquele nome, era importante cogitar aquele nome. É o melhor exemplo recente que a gente tem de como o WhatsApp ajuda as informações chegarem até ti de forma espontânea e natural (OLIVEIRA, 1º jun. 2017).

Mais uma vez, este exemplo se torna importante para entendermos as características do aplicativo e a sua funcionalidade dentro da rotina produtiva do repórter esportivo de rádio. A fonte passou a informação de maneira totalmente sigilosa, de forma espontânea e instantânea. Como o próprio Rodrigo Oliveira salientou, talvez, esta mesma fonte não ligasse para passar a mesma informação, que ao final, acabou se confirmando.

5.1.4 José Alberto Andrade

José Alberto Andrade é o mais antigo repórter em atividade da Rádio Gaúcha. O jornalista de 52 anos está há 32 na profissão, portanto, já passou por diversos equipamentos, inovações tecnológicas, e modificações dentro de sua rotina de trabalho. José Alberto Andrade, assim como os repórteres anteriores, não possui uma rotina fixa de trabalho. O profissional foi acompanhado em dias que estava cobrindo o Internacional, em um treinamento pela manhã, no dia 07 de junho, no CT Parque Gigante, e um treinamento no período da tarde, no dia 20 de junho. Além de ter sido observado também à tarde na redação, no dia 19 de junho.

Pelo fato de estar no setor do Inter, José Alberto recebeu informações da assessoria do clube pelo grupo de WhatsApp específico. Em um dos dias em que foi acompanhado no trei-

no pela manhã, o Inter havia realizado uma partida na noite anterior. Antes mesmo de começar o seu horário de trabalho, enquanto estava em casa, José Alberto Andrade recebeu informações no grupo oficial do clube, e de imediato, já fez questionamentos que achou pertinentes para o seu trabalho no dia posterior. Este é mais um dos exemplos que corroboram os questionamentos quanto à carga horária de trabalho dos jornalistas, que atualmente, estão conectados a sua atividade profissional praticamente 24h por dia.

O grupo específico da assessoria do Internacional com jornalistas traz informações importantes do clube, José Alberto Andrade considera uma boa opção, mas faz ressalvas, pois entende que há a necessidade de os profissionais serem objetivos na utilização da ferramenta.

É um negócio interessante, como se estivesse nas velhas pré-temporadas e fizesse um grupo de quem tá no setor, aquilo ali enxuga muito o teu trabalho, é muito concisa a comunicação. O básico disso aí, é não usar esses grupos para tecer comentários, exceto uma brincadeira que outra, mas uma coisa que termine, de vida curta. Cabe focar sempre na informação, se não, daqui a pouco, tem um diálogo muito grande e tu já perdeu onde é que estava a verdadeira informação do negócio (ANDRADE, 2 jun. 2017).

Durante os treinamentos em que foi acompanhado, o repórter fez contato com a produção do turno pelo WhatsApp para alinhar questões referentes ao turno de trabalho. Esta é uma característica do profissional, que, mesmo no dia em que permaneceu na redação, conversou com o produtor do horário pelo aplicativo antes de chegar na rádio. Uma mudança na sua rotina produtiva, a partir do uso da ferramenta, destacado como positivo por José Alberto Andrade.

Bom, mudou! É uma mudança, uma evolução. Eu acho que ele muda bastante, ele agiliza demais o processo, agiliza muito o processo, principalmente da comunicação interna, ajuda na comunicação externa se é pra ti gravar uma entrevista (ANDRADE, 2 jun. 2017).

Mesmo que use constantemente o aplicativo no seu dia a dia, ficou nítida a partir das observações e também da entrevista, uma menor utilização por parte deste profissional, em comparação aos jornalistas mais jovens (Matheus D'Ávila, Diogo Rossi e Rodrigo Oliveira). José Alberto Andrade olhava menos para o celular durante os treinamentos, assim como no bate-papo, parecendo estar mais focado no contato face a face. Este é um ponto importante ressaltado pelo próprio repórter, que admite não ter ainda uma rotina pronta para o uso do aplicativo.

Eu ainda não tenho a rotina ideal pra WhatsApp, o ideal ainda estou buscando, que é aquela coisa no WhatsApp, o que é particular e o que é profissional. Eu acho uma coisa meio neurotizante, tu ficar muito escravo do WhatsApp, porque tu vai intencionalmente, ou não, vai entrando, sendo incluído em grupos, e tu ta recebendo muita coisa que não é prioridade tua, essa seleção eu acho que leva muito tempo. Então tem

coisas que eu uso o WhatsApp, mas profissionalmente, tem coisas que eu recomendo as pessoas: ‘olha, se é muito importante, não passa WhatsApp, me liga!’, porque o WhatsApp, no mesmo momento que eu to vendo a mensagem, tá entrando outra, e a gente se dispersa. Essa disciplina que eu to aprendendo, eu não tenho essa disciplina, entra uma notícia e entra uma notícia familiar, eu não sei pra onde eu vou, sabe? Então na hora, se é importante o contato, eu ainda prefiro o telefone, mesmo que curto, ele é mais marcante. Nem que a pessoa ligue e diga: ‘ó, te passei um WhatsApp com as orientações do programa’. Porque tem a possibilidade de eu não ter lido, ou de estar em cima de um outro, um grupo, e é muito comum disso acontecer. Quando tu ver uma mensagem que foi passada há dois minutos, ela tá lá em baixo na tua lista, porque naquele mesmo momento, tinha um grupo da família que tava num assunto totalmente engraçado, por exemplo. O WhatsApp é importante, mas tu tem que estar focado no uso profissional. Eu tenho lá minhas limitações, eu não tenho restrição, eu tenho limitação no uso do WhatsApp (ANDRADE, 2 jun. 2017).

Por ser uma ferramenta também de cunho pessoal, por vezes, os jornalistas acabam não tendo o melhor foco, ou a rotina mais ajustada, para a utilização do aplicativo de forma otimizada. Este é um problema difícil de ser solucionado, assim como a questão da carga horária de trabalho, visto que as esferas profissional e pessoal são influenciadas em paralelo pelo aplicativo.

Mesmo que ainda tenha algumas limitações no uso diário do WhatsApp, o repórter também compreende que a ferramenta modificou o seu trabalho, e vê a evolução nos processos comunicativos por conta do dispositivo. Modificações por conta de novas tecnologias não são novidades na vida profissional de José Alberto Andrade. Pelo longo tempo em que atua na área, já passou por diversas alterações em sua rotina, por isso, o jornalista destaca o papel do WhatsApp dentro desta linha do tempo.

Nada, pra mim, foi mais impactante no nosso trabalho do que o telefone celular, esse sim é uma revolução no trabalho da gente. O WhatsApp é um facilitador, é um pouco diferente, e porque sem o WhatsApp, a gente já tinha a coisa encaminhada com o SMS, era um WhatsApp mais lento, era um WhatsApp analógico digamos assim, então a gente já tinha uma ferramenta parecida com o que é o WhatsApp, um princípio que era o mesmo. Tu tinha o telefone do cara, tu mandava uma mensagem pra ele, ele podia te responder ou não, não tinha a instantaneidade. Então não é uma revolução, eu não considero uma revolução, eu considero uma evolução no processo, mas que é muito mais dinâmico o WhatsApp, isso é. Manda pra mesma pessoa um SMS e manda um WhatsApp, talvez até pelo fato da cobrança, a pessoa vai te responder primeiro o WhatsApp, tá muito mais conectada, a questão dos grupos, tudo isso é uma coisa que facilitou muito o trabalho, principalmente na área da produção. Eu sempre uso o Pelé como exemplo máximo do cara que seria inacessível, ou pega do Messi, do Cristiano Ronaldo, se tu tiver o telefone dele, tu pode pegar e mandar um WhatsApp pra ele, na hora que tu ver que tá lido, tu tem certeza de que foi lido por ele, isso o SMS não te oferecia. Então basta tu ter o contato, e pode que o cara te responda, então essa pra mim é a grande novidade do WhatsApp, é uma proximidade maior de fontes em relação a tudo que se tinha até então (ANDRADE, 2 jun. 2017).

Esta visão se mostra bastante importante para os objetivos deste trabalho. O aplicativo é observado como um facilitador, algo que trouxe novas possibilidades para acelerar os pro-

cessos dentro da rotina produtiva dos repórteres de rádio. Contudo, não há a ideia de que o WhatsApp, hoje, seja uma ferramenta elementar para o trabalho dos jornalistas, como foi o telefone celular, mas algo que contribui efetivamente em diversos aspectos do dia a dia de trabalho dos profissionais. A potencialização das possibilidades de registros dos jornalistas já ocorreu com a modernização dos celulares, com os *smartphones*, que viabilizaram que um único equipamento fizesse registros de imagem, texto e áudio, e com o WhatsApp a transferência destes registros foi facilitada e acelerada. Esta perspectiva é corroborada a partir das observações e dos relatos dos repórteres entrevistados neste estudo.

Ainda sobre as evoluções na rotina e nas tecnologias utilizadas no rádio, José Alberto Andrade lembra de outros processos de desenvolvimento que foram adaptando e modificando o trabalho dentro do rádio. Por exemplo, no surgimento de um jornalista multitarefa, ou a alteração no contato com profissionais que estavam no palco dos acontecimentos, seja na relação com o produto final, ou apenas dos processos internos.

Com o e-mail a gente começou a passar matéria, pela internet se começa a passar matéria, começa a passar áudio, eu até hoje uso muito ainda o e-mail para passagem de áudio. O e-mail entra num rol parecido com o do WhatsApp. Antes ainda, bem antes, eu sou do tempo em que o fax foi uma evolução, o fax no rádio como é que o fax pro rádio servia? Servia quando alguém estava longe e tu tinha que mandar um roteiro, pego a copa do mundo, vamo pega a Copa do Mundo de 1990. Foi a primeira que a gente usou, em noventa, tu produzia os programas no estúdio, na redação em Porto Alegre, e tinha que mandar o roteiro pro apresentador que tava na Itália. A gente mandava por fax, já era uma coisa fantástica assim, porque até então tinha o Telex, que era um processo bem mais difícil. O fax não, tu fazia o mesmo roteiro que tu fazia na época em máquinas, ou já em computador, imprimia e mandava por Fax, então o Fax já foi uma evolução. O telefone celular esse sim, pra mim, é uma revolução porque esse te deixa totalmente livre, tu deixa de ser o repórter estático, dependendo da linha fixa do telefone, pra ser o repórter, o produtor, aquele que tá em qualquer lugar. Então o telefone celular é que criou a agilidade que não se tinha até então, se tinha com algumas coisas em Porto Alegre, com microfone sem fio, e que não tinha abrangência, nem a eficácia. Aí depois disso, tu já entra na era da internet, começando com os e-mails, e depois migra pras redes sociais já. O WhatsApp é uma ferramenta, eu vejo ele mais pra produção e a inclusão do grupo de pauta, de fonte, do que os outros, os outros me parece mais pra transmissão, pra produto final (ANDRADE, 2 jun. 2017).

Esta linha do tempo formulada por José Alberto Andrade é interessante para entender as percepções reais dos profissionais que atuam no rádio, quanto às modificações pelas quais o meio passou durante os últimos 30 anos, principalmente no que diz respeito às rotinas produtivas internas.

Voltando às observações, mesmo que tenha alguma limitação com o WhatsApp, José Alberto Andrade utiliza-se do aplicativo constantemente em seu dia a dia. Além do contato mencionado com a produção e no grupo da assessoria, foi possível ver o jornalista olhando e

enviando informações ao grupo específico da Rádio Gaúcha, duas vezes em cada treino. O repórter ainda utilizou do aplicativo para enviar matérias de texto, fotos e vídeos a redação, no grupo específico, em diversos momentos. Durante os dois treinos acompanhados, foram 4 matérias em texto, diversas fotos e 2 vídeos. Este caráter multitarefa já faz parte da rotina do profissional há algum tempo, por exemplo, com a utilização do e-mail, mas o processo foi potencializado e facilitado pelo uso do aplicativo.

Tem sido usado direto, com o negócio de a gente agora estar numa gama maior de atividades, fazendo vídeo, foto, texto. No que eu menos utilizo, talvez seja o áudio pra rádio pelo dispositivo que a gente tem. Eu uso o telefone muito mais pra vídeo e pra foto, porque eu sempre tenho a linha, normalmente eu tenho a linha direta gravando, ou às vezes até gravo no gravador convencional, e passo via computador, então o e-mail é mais utilizado do que o WhatsApp com os áudios. Pra áudio da rádio, só quando eu peguei uma entrevista, peguei uma resposta do fulano que eu recebi, posso ter recebido por um arquivo de WhatsApp, aí eu transfiro por WhatsApp também. E por uma questão de compactação, às vezes, a compactação do WhatsApp tira um pouco da qualidade (ANDRADE, 2 jun. 2017).

Assim como os outros repórteres consultados, José Alberto Andrade destaca que os materiais sonoros não costumam ser enviados pelo aplicativo, pela questão da qualidade limitada. Contudo, a observação e a fala do jornalista corroboram o caráter multitarefa dos profissionais na atualidade, principalmente, neste caso, da Rádio Gaúcha, que conta com uma ação mais intensa na internet e redes sociais.

Nos dias em que José Alberto Andrade foi observado, não houve especulações de negociações, por isso, o repórter não utilizou o aplicativo no sentido de buscar contatos ou informações com fontes específicas. Contudo, em um dos dias, conversou com uma fonte para manter boa relação, mesmo que não houvesse um assunto específico que precisasse ser tratado. Esta relação com as fontes é fundamental no trabalho dos repórteres de radiojornalismo esportivo, José Alberto Andrade ressalta também a importância do aplicativo para os contatos objetivos e agendamento de entrevistas.

Eu tenho, pelo WhatsApp eu já consegui estabelecer diálogos que eu dificilmente faria no telefone, por quê? Não sei se do outro lado não tem um cara que tá ocupado, mas pro WhatsApp, ele sempre vai ter um tempinho de dar uma olhada, mesmo que ele te ignore. O WhatsApp nesse ponto, ele aproxima, já deu pra marcar algumas coisas, algumas entrevistas que eu fiz unicamente pelo WhatsApp, ainda que com conhecidos com os quais eu teria liberdade de falar, mas o WhatsApp, ele me dá a noção de que eu to incomodando menos, que eu to sendo mais prático para com aquele que eu quero alguma coisa (ANDRADE, 2 jun. 2017).

As utilizações mencionadas até aqui, foram as observadas no acompanhamento de José Alberto Andrade. No entanto, durante a entrevista, o repórter ressaltou a relevância da ferramenta na questão econômica, tanto para a empresa, como para o jornalista.

Se eu disse que o WhatsApp não foi uma revolução do ponto de vista do trabalho, foi uma evolução. Talvez do ponto de vista econômico, ele foi uma revolução, porque o WhatsApp, o e-mail já tinha isso é verdade, a comunicação por internet, mas o WhatsApp é a primeira vez que ele te dá um contato direto. É o primeiro que te dá esse contato gratuito, ou com custo muito baixo. Então tu não tem aquela preocupação de cuidar a ligação, no tempo que era só telefone celular, era uma coisa onerosa. Então o WhatsApp, ele facilita nisso aí, tu pode botar/mandar um recado a qualquer momento, sem ter nenhum peso na consciência do ponto de vista econômico (ANDRADE, 2 jun. 2017).

Vale ressaltar ainda, um ponto tratado por todos os repórteres e confirmado também por José Alberto Andrade, no que diz respeito à formulação de agenda, busca por telefones, e até mesmo o primeiro contato com a fonte em potencial, em que o WhatsApp tornou-se uma ferramenta praticamente indispensável ao trabalho do jornalista.

Hoje tá muito mais fácil. Tu recebe o telefone, ou tu tem o telefone do fulano, eu, às vezes, não sei se me disporia a ligar pro fulano, mas o WhatsApp não, eu pego boto na minha agenda e aí mando uma mensagem pra ele. Aí acabo estabelecendo um contato, que talvez eu não fizesse por comodismo, pelo fato de no telefone tu incomodar mais as pessoas, no WhatsApp não (ANDRADE, 2 jun. 2017).

Este contexto torna-se importante para os diversos processos dentro da rotina do repórter de rádio, seja para confirmar informação, ou mesmo para agendar uma entrevista. Por fim, o repórter lembra de um fato interessante, quando se analisa a relevância do aplicativo. Em algumas oportunidades, houve um bloqueio dos serviços do WhatsApp, que ficou indisponível para uso de qualquer pessoa.

Quando caiu o WhatsApp foi um pânico, foi um pânico, e realmente é indispensável hoje, o WhatsApp é indispensável. Ele entrou na nossa vida pessoal, mas no nosso caso profissional de uma maneira irreversível a gente tem que cada vez achar mais utilidades pro WhatsApp, pra desenvolver, pra usar na nossa atividade, eu antes não precisava passar foto, passar vídeo agora eu preciso e o WhatsApp me dá isso. Eu preciso entrar em contato com várias pessoas ao mesmo tempo o WhatsApp me dá isso. Agilizou, e tudo aquilo que agiliza pra nós é fundamental (ANDRADE, 2 jun. 2017).

Indispensável pode ser uma palavra forte para uma nova ferramenta dentro de um processo tão amplo quanto as rotinas produtivas do rádio, especialmente dos repórteres. Entretanto, pelos diversos fatos já apresentados, ao que tudo indica, o WhatsApp realmente é fundamental para o trabalho destes profissionais, principalmente no que diz respeito à agilidade da informação, contatos internos com a produção, confecção de agenda, relação com fontes esporádicas e no contexto do envio de materiais multimídia.

5.1.5 Sérgio Boaz

Assim como José Alberto Andrade, Sérgio Boaz tem muita experiência no jornalismo. O profissional de 55 anos, trabalha há 30 como repórter. Ele é o segundo repórter mais antigo em atividade no setor de esportes da Rádio Gaúcha, portanto, também passou por diversas alterações em sua rotina, decorrentes de novas tecnologias. Boaz foi acompanhado nos dias 13 e 19 de junho, no turno da tarde, em treinamentos do Grêmio no CT Presidente Luiz Carvalho. Além de ter sido observado na redação da Rádio Gaúcha, no dia 08 de junho, também à tarde.

Antes de entrar nos detalhes vistos a partir das observações, vale destacar uma primeira impressão de Sérgio Boaz quanto à utilização do aplicativo em seu dia a dia, que segundo o repórter, é constante e realmente gerou mudanças importantes dentro da rotina produtiva.

Mudou pra melhor, tem sido uma ferramenta importantíssima na minha atividade, para uma comunicação rápida e também para buscar fontes, a gente consegue um contato com fontes, e a partir daí até entrevistas. Eu tenho feito, inclusive, até entrevistas com o WhatsApp, longa distância, entrevistando pessoas do exterior para os meus programas pelo WhatsApp. Então, para mim, foi uma mudança importantíssima, uma ferramenta vantajosa e que agregou muita qualidade ao meu trabalho, excelente o WhatsApp (BOAZ, 1º jun. 2017).

Este pensamento inicial já demonstra o quanto o aplicativo tornou-se importante para o trabalho do repórter de radiojornalismo esportivo, principalmente, neste caso, de Sérgio Boaz. Em sua fala, o profissional demonstra até certo ponto um deslumbramento quanto às possibilidades geradas pela utilização da ferramenta.

Dentro dos acompanhamentos, foi possível perceber que a rotina de Boaz começa com a observação do grupo da Rádio Gaúcha, para saber se há alguma informação importante, mas também usa o grupo como forma de fazer contato direto com o setorista da manhã, para perguntar se há algo relevante, lembrando que o repórter foi acompanhado apenas no turno da tarde.

Eu uso da Rádio Gaúcha. Ali eu uso bastante pra ver quais são as determinações, o que que tá rolando, uso bastante, esse é o grupo que eu mais uso. Me comunico também por ele com os meus colegas pra verificar as informações que já foram divulgadas, pra ficar bem ciente do trabalho subsequente que eu tenho que fazer. Então procuro utilizá-lo bastante, eu me fixo muito no grupo da Rádio Gaúcha (BOAZ, 1º jun. 2017).

Em um primeiro momento, é possível perceber que Boaz utiliza mais o grupo da rádio, em comparação aos seus colegas de Gaúcha. Mesmo assim, o repórter tem ressalvas quanto ao uso dos grupos do aplicativo, principalmente, no que diz respeito ao foco emprega-

do dentro desta possibilidade da ferramenta, preocupação também já explanada pelos outros jornalistas acompanhados.

Eu acho que algumas pessoas utilizam mal o WhatsApp. Se você tem um grupo de trabalho, tem que ser um grupo de trabalho sério, e eu acho que muita gente desvirtua colocando piadinhas, colocando imagens que não têm nada a ver, entendo que seja uma tremenda falta de perda de tempo e uma falta de respeito com alguns colegas. Eu não acho adequado num grupo de trabalho utilizar o WhatsApp pra coisas que não somam, não acrescentam absolutamente nada, muito antes pelo contrário. Então eu percebo que muitas pessoas, infelizmente, ainda não sabem utilizar o WhatsApp. Uns têm a necessidade de entrar por entrar, mesmo sem ter informação, e coloca/posta uma besteira, então isso aí eu acho lamentável que ainda ocorra com algumas pessoas (BOAZ, 1º jun. 2017).

Mesmo que utilize mais o grupo da Rádio Gaúcha na comparação com seus colegas de empresa, Boaz não faz como os profissionais da Grenal, que usam esta possibilidade para fazer contato com a produção. Neste caso, o repórter fala de forma individual com cada produtor. Esta é uma das utilizações mais frequentes observadas no dia a dia de Sérgio Boaz, que nos treinos, conversou em média 6 vezes com os produtores através do aplicativo.

Uso muito pra falar com a produção, pra ver o que tá acontecendo nos grupos, pra ficar bem a par do que está rolando. Então eu uso bastante no contato com o produtor, pensando em programas. [...] Hoje, com o WhatsApp, o que eu faço, eu consigo me comunicar com a produção, já tenho o recado da produção, estou indo pra um treino o que a gente vai combinar, se tá precisando de alguma coisa, se vai ter a entrevista do atleta, do treinador já pelo WhatsApp eu deixo tudo combinado (BOAZ, 1º jun. 2017).

Além da utilização diária, para tirar pequenas dúvidas quanto aos processos que estão sendo executados, vale destacar também um outro ponto mencionado por Boaz. O profissional usa o WhatsApp constantemente para combinar com os produtores as entrevistas que gostaria de ter em seus programas, indica nomes, troca contatos, enfim, faz toda a pré-produção através do aplicativo. Este fato foi observado, por exemplo, no dia em que permaneceu na redação, onde já teve a possibilidade de pensar nos programas que aconteceriam no final de semana. Sobre este ponto, vale destacar a visão do repórter quanto às facilidades encontradas no momento de agendar uma entrevista através do WhatsApp, seja no contato direto com a fonte, ou mesmo através de assessorias.

Eu vejo o WhatsApp como uma porta importante de entrada, e aí, tu pode até testar como é que a pessoa está no outro lado, o humor, se o cara tá sendo receptivo pra uma entrevista, se tá disposto a falar. Eu acho que o WhatsApp é uma porta de entrada muito importante e que deve ser bem utilizada. Então eu procuro me valer do WhatsApp para começar a abrir o caminho. [...] Facilitou também com assessores, que são bem atenciosos nisso, pra mim, respondem imediatamente. Não tenho do que me queixar, facilita bem mais do que a ligação telefônica, eu acho que a ligação telefônica só entra se o processo for mais amplo, precisa de uma conversa mais ampla e não dá pra ficar esperando muito que as respostas cheguem pelo WhatsApp, mas facilita bastante (BOAZ, 1º jun. 2017).

Pelo tempo em que trabalha no rádio, e a experiência que já possuí como repórter, Sérgio Boaz, assim como fez José Alberto Andrade, vivenciou diversas modificações em sua rotina a partir de novas tecnologias, que facilitaram em determinado ponto o dia a dia de trabalho do jornalista.

Peguei todas as fases, pela minha longevidade na carreira, de ter que às vezes me comunicar pelo orelhão que a gente fazia ligações a cobrar, ou usando a própria fichinha telefônica. Se estivesse em casa, fazia de casa, assim que eram os contatos. Então, olha só o tempo que a gente ganhou pra viabilizar o trabalho, pra ficar mais próximo da informação, embora naquele tempo a informação era mais lenta. A informação sempre foi algo, que para o jornalista é uma adrenalina pura. Eu também passei, é claro, pelo celular, falei no telefone fixo, mas teve o celular, e eu continuo usando muito o celular, mesmo com o WhatsApp (BOAZ, 1º jun. 2017).

Como é possível observar através do relato de Sérgio Boaz, as alterações na rotina de trabalho foram constantes nos últimos anos. O jornalista cita equipamentos que tratam mais do produto final, e menos da fase produtiva, ponto em que o WhatsApp está inserido de forma mais constante e incisiva. Contudo, não há como dissociar uma coisa da outra, visto que, por exemplo, tanto celular, como WhatsApp, influem em mais de uma fase dos processos produtivos.

Mesmo que veja as possibilidades proporcionadas pelo aplicativo, assim como José Alberto Andrade, e diferente dos repórteres mais novos, Boaz admite que ainda busca uma melhor adaptação às novas tecnologias. Na realidade, confessa que isso sempre ocorre, quando algo diferente surge em sua rotina de trabalho, mas salienta que faz parte do trabalho do jornalista englobar estas ferramentas dentro do seu dia a dia.

Eu não vou dizer que não demorei, claro, demorei a me adaptar em muitas delas. Até hoje ainda não domino todas, mas eu procuro estar sempre me atualizando. Eu acho que tudo se ajusta com o tempo, a minha experiência diz que tudo se acomoda com o tempo, e que se você quiser vai dominar todas, não pode se desesperar, aí acaba se perdendo pela linha de fundo. Então, com calma as melancias se ajustando, fazendo atalhos importantes. Eu entendo que tudo chega de uma forma, tem que ter tranquilidade para absorver tudo isso que está no mundo, sem que fique o desespero. Se eu quiser entrar no mesmo pique deles (os mais jovens), e não estiver preparado, eu que vou ficar maluco. Então tem que saber fazer as coisas aprendendo diariamente, buscando uns colegas que estão mais à frente, isso é natural (BOAZ, 1º jun. 2017).

Dentro deste contexto das novas tecnologias inseridas no ambiente de trabalho do repórter de radiojornalismo esportivo, um ponto recorrente, no que diz respeito aos profissionais, é a necessidade de ser multitarefa. Como já visto anteriormente, os jornalistas da Rádio Gaúcha usam o WhatsApp para enviar materiais multimídia para a redação, e com Sérgio Boaz não é diferente. “Muitas vezes me valho do WhatsApp direto, com textos, com fotos, com informações, me valho diariamente do WhatsApp pra isso, sem dúvida alguma”, contou

o repórter que nos dois treinos, enviou 4 matérias de texto, diversas fotos dos treinamentos e também 1 vídeo por dia do que ocorria na atividade.

Dentre as tantas possibilidades geradas pelo aplicativo, uma das mais destacadas é quanto à economia financeira proporcionada pela ferramenta. Sérgio Boaz comenta a sua visão quanto à contenção de gastos possibilitada pelo uso do WhatsApp.

Sem dúvida alguma, sabendo utilizar é muito bom, vai pro exterior, manda matérias pelo WhatsApp, olha o quanto está sendo economizado, algo que a gente fazia antes tendo que gastar ligações. Então eu me utilizo do WhatsApp pra mandar matérias, pra facilitar, inclusive, eu tenho a preocupação de que ocorrendo uma economia, essa economia vai trazer benefícios, não só pra mim, pra toda equipe. Daqui a pouco ali adiante vai facilitar pra empresa, contribuição mínima pode tornar as contas da empresa mais saudáveis. Eu acho que a gente tem que aproveitar todas essas ferramentas que são de graça e utilizá-las frequentemente. Então eu faço uso direto do WhatsApp (BOAZ, 1º jun. 2017).

Neste ponto, é importante lembrar que a economia financeira não pode influir no produto final, ou seja, prejudicar de alguma forma o trabalho do repórter que está fora da redação. Este cuidado é tomado, tanto que os repórteres entrevistados destacam a importância de em alguns momentos conversar também pelo telefone.

As diversas possibilidades apresentadas até o momento, realmente facilitam o trabalho do repórter esportivo, contudo há a preocupação quanto ao fato de o jornalista estar constantemente ligado à sua atividade profissional, praticamente 24h por dia.

O WhatsApp nos colocou para trabalhar mais, não tenha dúvida nenhuma, mas também nos facilitou a vida. [...] O WhatsApp é a primeira ferramenta que eu olho de manhã, eu já vou lá direto, pra ver os grupos, não importa a hora que eu acorde, pra ver o que já tá acontecendo ou já aconteceu. Então a primeira coisa que eu acesso de manhã no meu celular é o WhatsApp, sem dúvida alguma, à noite eu procuro deixar do meu lado, mas também tem que dormir, se não o cara vai enlouquecer né (BOAZ, 1º jun. 2017).

Estes dois vieses da concepção profissional são interessantes, pois, se o WhatsApp deixou mais rápido o trabalho do repórter enquanto está dentro do seu expediente, ou seja, facilitando a sua atividade, também fez com que este mesmo jornalista, praticamente não tenha uma folga de forma completa.

Para finalizar, ainda é importante ressaltar o pensamento do profissional quanto à confecção de sua agenda e a utilidade do WhatsApp na busca por novos contatos, mesmo que durante a observação, não tenha sido possível ver o repórter realizando este tipo de procedimento.

Excelente, facilitou a vida, ficou uma beleza. ‘Tem o telefone do fulano?’. Do outro lado já vem e só salvo o contato. Ficou uma maravilha para trabalhar, WhatsApp é a glória, acho que é a glória pra todos os repórteres, é uma ferramenta sensacional, valiosa, tomara que ela se perpetue. Claro, que com o tempo vão chegar mais ferramen-

tas isso ai é absolutamente natural nos dias de hoje, já deve ter alguém pensando em algo superior, mais rápido, mais incrementado, mas eu vejo assim o WhatsApp como uma ferramenta fundamental, não dá pra viver sem ela no trabalho de repórter, de repórter, comentarista, narrador, produtor, especialmente, que tem um trabalho árduo (BOAZ, 1º jun. 2017).

A visão de Sérgio Boaz, em certos momentos, parece de deslumbramento quanto às possibilidades geradas pelo aplicativo. De forma mais moderada, é importante salientar o quanto o WhatsApp trouxe alterações na rotina de trabalho dos repórteres, em diversos aspectos, positivos e até mesmo negativos, como visto até aqui.

5.2 Divergências e convergências no uso do WhatsApp pelos repórteres das rádios Gaúcha e Grenal

Até aqui, os repórteres das rádios Gaúcha e Grenal tiveram as suas rotinas analisadas de maneira individual, com algumas ligações e referências entre as mais variadas percepções. Neste momento, é importante buscar pontos em que as visões e ações dos profissionais são convergentes, e também divergentes no que diz respeito a utilidade do WhatsApp em suas rotinas de trabalho:

- (1) De forma imediata, é possível ver que o dia a dia de todos os jornalistas acompanhados teve mudanças substanciais por conta do aplicativo. Fato ressaltado através das observações e da fala dos próprios profissionais.
- (2) Os repórteres se mostram cientes dos processos em sua rotina que foram modificados pelo uso do aplicativo.
- (3) De uma maneira geral, os repórteres mais novos: Matheus D'Ávila, Diogo Rossi e Rodrigo Oliveira, encontram mais facilidades para utilizar a ferramenta em seu dia a dia. Já os mais experientes: José Alberto Andrade e Sérgio Boaz, relatam algumas dificuldades de adaptação a determinadas situações.
- (4) Entre os profissionais da Grenal, a utilidade do grupo específico com repórteres, produtores e apresentadores da rádio é muito grande, inclusive destacada nos comentários dos repórteres. O grupo acaba sendo utilizado para praticamente todos os contatos com a produção; funciona como linha de serviço; é usado para passar ou receber informações importantes; substitui, na maioria das vezes, as reuniões de pauta; e serve para que os profissionais tenham o conhecimento dos fatos ocorridos dentro da emissora.

- (5) Por outro lado, o grupo da Gaúcha é pouco utilizado para o contato com a produção; não funciona como linha de serviço, pois o departamento técnico da emissora é bem mais desenvolvido; é usado para o repasse de informações importantes; não substitui as reuniões de pauta; e também não há um debate amplo sobre a programação da rádio.
- (6) Os profissionais da Gaúcha utilizam muito o grupo para o envio de material multimídia: textos, fotos e vídeos.
- (7) Os jornalistas da Grenal postam este tipo de material em suas próprias redes sociais.
- (8) Os pontos 6 e 7 chamam a atenção para uma diferença de estrutura entre os dois veículos. A Rádio Gaúcha possui um departamento digital melhor estruturado, com pessoas designadas especificamente para a publicação de materiais no site e redes sociais. A Rádio Grenal está começando este processo, que se encontra ainda em um período de adaptação. Por isso, as diferenças entre os profissionais das duas emissoras neste quesito.
- (9) Os repórteres mencionaram uma baixa qualidade no envio de áudio pelo WhatsApp, por isso, utilizam-se pouco deste expediente, preferindo o envio de materiais sonoros pelo e-mail.
- (10) Há exceções, quando é necessária uma agilidade maior, o aplicativo surge como possibilidade de envio de materiais sonoros.
- (11) É importante ressaltar que todos os profissionais possuem uma rotina multitarefa, apenas há diferenças na forma como o conteúdo é divulgado.
- (12) José Alberto Andrade, Sérgio Boaz e Diogo Rossi fizeram ressalvas quanto a possíveis ruídos de comunicação nos grupos de WhatsApp das rádios, por falta de foco ou brincadeiras em excesso.
- (13) Este fato também é destacado pelos profissionais na relação com o grupo oficial da assessoria de imprensa do Internacional, onde os assuntos devem ser tratados de forma objetiva, segundo os repórteres.
- (14) Pela observação, ficou nítido que o WhatsApp facilitou a troca de informações entre colegas de trabalho.
- (15) A principal relação observada no contato interno foi entre o repórter e a produção. A todo momento os jornalistas fazem contatos com os produtores, e vice-

versa, para alinhar detalhes do programa, trocar informações relevantes, combinar horários, saber entrevista coletiva, enfim.

- (16) O primeiro contato com as fontes é feito exclusivamente pelo WhatsApp por todos os repórteres, a ligação telefônica fica em um segundo plano.
- (17) A conversa com fontes permanentes também é realizada pelo aplicativo, em maior ou menor medida por cada um dos repórteres.
- (18) É importantíssimo lembrar que os repórteres salientam a utilidade do aplicativo para conversas objetivas, que não tenham uma grande gama de interpretação. Se há a possibilidade de o assunto ser mais aberto, preferem utilizar a ligação telefônica.
- (19) Os repórteres utilizam-se do WhatsApp também para agendar entrevistas. O aplicativo permite que a fonte responda no momento que é oportuno para uma ligação.
- (20) O aplicativo melhorou o contato com as assessorias de imprensa, deixou mais rápido o pedido de entrevista.
- (21) Matheus D'Ávila e Rodrigo Oliveira enfatizaram a importância do WhatsApp na descrição da fonte ao enviar uma informação, o que possibilita também que esta notícia chegue de forma espontânea ao repórter.
- (22) Esta descrição também pode ser observada por um outro viés, visto que o aplicativo permite o arquivamento de qualquer mensagem, preocupação externada por José Alberto Andrade.
- (23) A busca por novos números de telefone e a confecção das agendas são os pontos de maior sinergia, destacados como altamente positivo por todos os profissionais.
- (24) Os repórteres mais jovens utilizam a ferramenta de maneira mais otimizada no que diz respeito a busca por contatos, pois possuem diversos grupos com jornalistas de outros lugares do mundo.
- (25) Há uma cooperação muito grande entre diversos jornalistas do Brasil e do mundo nestes grupos específicos. Os profissionais se mostram mais preocupados em conseguir uma informação correta do que, por exemplo, dar o “furo”.
- (26) Também há uma unanimidade no que diz respeito a economia proporcionada pelo uso do WhatsApp.

- (27) O aplicativo modifica tanto a rotina do repórter, que o jornalista fica ligado ao trabalho praticamente 24h por dia.
- (28) Pelo fato de ser uma ferramenta de uso pessoal e profissional é difícil encontrar um limite entre os dois pontos, os repórteres admitem que está cada vez mais difícil “se desligar”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rádio mudou com o tempo. O meio se alterou constantemente, bem como a rotina de trabalho das pessoas que o fazem. Ferraretto (2012) dividiu a história do meio em quatro fases - implantação, difusão, segmentação e convergência - cada uma delas com suas inovações tecnológicas e mudanças substanciais no dia a dia dos profissionais. No contexto de convergência (JENKINS, 2008) em que os meios de comunicação estão inseridos, assim como o público, torna-se importante salientar que é necessário pensar o rádio como uma instituição social, uma linguagem específica, independentemente das mudanças tecnológicas e da forma como o material sonoro chega ao ouvinte (FERRARETTO, 2014).

Contudo, a convergência não diz respeito apenas ao produto final, ou a interação do público com o meio. Pensando a partir das perspectivas da economia política da comunicação (MOSCO, 1998), que estuda as relações sociais e de poder que compõe, por exemplo, a produção de recursos informacionais, buscou-se entender as rotinas produtivas que se alteraram, mediadas por uma nova ferramenta, e fazem parte do atual trabalho de repórteres de radiojornalismo esportivo. Não esquecendo também que a economia política da comunicação estuda a distribuição e o consumo destes recursos. Contudo, o foco desta monografia está realmente na produção.

Neste contexto, foi possível compreender de forma mais detalhada algumas dessas mudanças no dia a dia dos jornalistas. O WhatsApp aparece como figura central na rotina destes profissionais, que se utilizam do aplicativo em diversos momentos do dia, e para os mais variados fins. Através da metodologia do *newsmaking* descrita por Wolf (2006), com observações participantes (PERUZZO, 2005) e entrevistas em profundidade (DUARTE, 2005) foi possível entender melhor a lógica dos processos por trás do uso do aplicativo na rotina dos jornalistas, bem como a organização do trabalho atual destes profissionais, e suas percepções quanto às mudanças na rotina produtiva.

Thompson (2002) já afirmava que as interações entre pessoas se dissociam do ambiente físico, algo potencializado pelo uso da ferramenta, que permite a troca de mensagens instantâneas com qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo. Dentro disso, o WhatsApp reestruturou o contato com as fontes, a busca pela notícia e a chegada de informação ao jornalista de forma substancial. O aplicativo permitiu conversas durante todo o dia com fontes frequentes, mesmo que estas estejam em qualquer lugar do mundo. Além disso, a ferramenta

aumentou a discrição destas pessoas ao passarem informações em locais públicos, ou seja, possibilitando que a notícia chegue mais fácil ao repórter. A da troca de mensagens instantâneas, sem custos, também aumenta a possibilidade de que as fontes entrem em contato com o jornalista.

A conexão com fontes esporádicas também foi substancialmente modificada, começando pela obtenção do contato destes indivíduos, que foi exponencialmente facilitada. O aplicativo permite que o profissional consiga os mais variados números de telefone de forma instantânea, através de uma única mensagem em um grupo, por exemplo. Este é um dos pontos mais importantes do WhatsApp na rotina dos repórteres na atualidade, visto que, manter a agenda atualizada é fundamental na busca da informação, algo salientado por Ferraretto (2014).

O primeiro contato com estas fontes é outro fator alterado, os jornalistas não costumam mais ligar para as pessoas, mas sim, enviar uma mensagem pelo aplicativo, para ter uma primeira impressão ou confirmar a autenticidade do número. O fato de a fonte poder responder enquanto realiza outras tarefas, ou após determinado tempo, também ressalta a relevância da ferramenta e proporciona facilidades na comunicação. Assuntos objetivos, que não dependem de uma maior conversa ou interpretação, também são tratados exclusivamente pelo WhatsApp.

Estas possibilidades são importantíssimas em um contexto onde a informação transita cada vez mais rápido, a troca de mensagens instantânea com qualquer pessoa que possa ter algum tipo de informação, ou mesmo o fato de poder conversar com diversas fontes ao mesmo tempo, traz uma velocidade jamais vista no processo de obtenção da notícia, contudo, há de se ressaltar, o jornalista precisa ter cuidados. As facilidades proporcionadas pelo aplicativo não podem fazer com que os profissionais se tornem preguiçosos ou dependentes da ferramenta, por vezes, é fundamental utilizar outros recursos para confirmar as informações. Há outro ponto importante, no que diz respeito a interpretação dos conteúdos simbólicos das mensagens de texto trocadas pelo aplicativo, principalmente quando não é um assunto objetivo, e sim, algo que possa gerar dúvidas ou diferentes sentidos dentro do processo comunicacional.

Além das modificações na relação com a fonte, o aplicativo reorganizou processos internos dentro das emissoras, do mesmo modo que em outra época, a internet havia alterado (DEL BIANCO, 2004). O contato com a produção ficou mais dinâmico, menos engessado, o

que permite maior agilidades nos processos internos. Neste sentido, a troca de informações entre os colegas dentro da rádio como um todo também foi facilitada pelo uso do dispositivo, por exemplo, os grupos da redação possibilitam a troca de mensagens constante entre os membros do setor, há uma diminuição considerável das reuniões de pauta, principalmente para assuntos corriqueiros do dia a dia. É importante novamente ressaltar o caráter objetivo do uso do aplicativo nestes contatos com colegas, assim como com as fontes.

Este dinamismo entre repórter e produção, proporcionado pelo aplicativo se torna fundamental para os profissionais do rádio, pois permite combinar questões enquanto os programas estão no ar. A possibilidade de troca de informações entre colegas, gera também menos desperdício de tempo pesquisando ou indo atrás de assuntos já cobertos por outra pessoa dentro da rádio, o que também otimiza os processos e a busca da notícia.

Tanto por meio de fontes, como por colegas, grupos, jornalistas de outros estados ou países, as notícias chegam de forma cada vez mais fácil e rápida aos repórteres, fato já ressaltado anteriormente por Wolf (2006) enquanto pensava a influência da internet no processo de *gatekeeping* realizado pelo jornalista.

Contudo, há de se fazer também ressalvas quanto a esta variedade de informações que chegam ao repórter pelo aplicativo. Não há mais folga para os jornalistas, é impossível se desligar totalmente do ambiente de trabalho. Pelo fato de a ferramenta unir o âmbito pessoal, em conjunto com o profissional, mesmo que não queira, o repórter é bombardeado todo o dia com informações no WhatsApp, seja de forma individual, ou nos tantos grupos de cunho profissional em que está inserido. Esta é uma ressalva importante quanto ao uso do aplicativo, pois não permite um descanso efetivo do profissional, e também não há uma remuneração condizente com este tempo de trabalho. Esta preocupação vai ao encontro aos pensamentos de Ferraretto (2015), que também percebe este tipo de comportamento com as redes sociais de uma forma geral, contudo, o WhatsApp é a mais instantânea destas ferramentas, por isso, tem sua influência potencializada.

Outra das possibilidades constatadas e bastante presentes no dia a dia do repórter, é o envio de materiais multimídia através do aplicativo. Fato que colabora com o caráter multitarefa do jornalismo atual, em um contexto onde os repórteres não se limitam mais a apenas a confecção de materiais sonoros, a ferramenta é um facilitador. Mesmo que já existissem ferramentas para realizar este tipo de atividade, como o e-mail, a velocidade e comodidade proporcionada pelo aplicativo torna-se um diferencial.

Dentro dos pontos principais observados na influência do WhatsApp dentro da rotina de trabalho do repórter de radiojornalismo esportivo, ainda vale ressaltar que o aplicativo proporciona uma grande economia as empresas. Quando os jornalistas viajam para outros estados ou países, ou, por exemplo, quando é necessário conversar com fontes que estão distantes, a ferramenta proporciona a troca de mensagens instantâneas de forma totalmente gratuita. Algo fundamental, principalmente no contexto em que estão inseridas as emissoras de rádio, que buscam se reinventar e tornar o negócio mais rentável, preocupação externada por Eduardo Medistsch (2010), Marcelo Kischinhevsky (2016) e Cebrían Herreros (2011) em suas obras.

Por fim, é importantíssimo ressaltar que não se prega nesta monografia a substituição do uso do telefone celular pelo aplicativo, até por que, a ferramenta só funciona com um dispositivo móvel que tenha acesso a internet. Cebrían Herreros (2011) afirma que justamente a telefonia móvel e a internet foram as duas grandes plataformas de inovação recentes, cada uma com seus próprios campos, mas também com a possibilidade de estarem conectadas, como neste caso. O celular segue sendo a principal ferramenta de trabalho dos repórteres, contudo, o WhatsApp trouxe mais possibilidades, facilidades e velocidade nos processos. Como referido por José Alberto Andrade durante a entrevista em profundidade, o celular foi uma grande revolução no trabalho do repórter, pois permitiu que o profissional estivesse no campo de ação dos fatos e tivesse um caráter móvel, fato corroborado também por Cebrían Herreros (2011). Já o aplicativo, é uma evolução, algo que colabora para o trabalho seja feito mais rápido, e talvez com maior qualidade. Portanto, não se prega nesta monografia o fim das relações telefônicas no trabalho dos repórteres de radiojornalismo esportivo, mas sim, uma adaptação, por conta de uma nova ferramenta. Mesmo assim, é importante salientar, que atualmente, o WhatsApp é indispensável para o trabalho dos repórteres, principalmente pela agilidade das informações na atualidade.

Este trabalho certamente não dá conta de todas as questões envolvendo a rotina dos profissionais de radiojornalismo esportivo, tão pouco, todos os possíveis usos do WhatsApp como ferramenta de trabalho. Quais os próximos passos para a utilização do aplicativo? De que formas estas possibilidades podem ser otimizadas? Como fazer para o profissional não ficar refém da ferramenta, seja pela comodidade ou pelo uso em praticamente 24h por dia? Quais os problemas comunicacionais que são gerados pelo WhatsApp, tanto com fontes, como com colegas? Há realmente uma relação de proximidade com as fontes através do aplica-

tivo? É possível confiar em todas as informações que chegam pela ferramenta? Quais as possibilidades de notícias falsas serem espalhadas pelo WhatsApp? Enfim, são apenas alguns dos questionamentos que ficam em aberto, para quem sabe uma pesquisa com maior detalhamento em uma pós-graduação.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEBRIÁN HERRERO, Mariano. O rádio no contexto da comunicação multiplataforma. **Revista Rádio-Leituras**. Ano II, n. 2. Edição julho-dezembro 2011. p. 69-105.

DEL BIANCO, Nélia Rodrigues. Noticiabilidade no rádio em tempos de internet. In: FEDERAÇÃO LUSÓFONA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **VI Congresso Lusófono de Ciências da Comunicação**, Covilhã, 2004. 16f.

DIOGO PROENÇA ROSSI. Repórter da Rádio Grenal. Entrevista pessoal em 26 de maio de 2017.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: Jorge Duarte e Antonio Barros (Org.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, v. 1, p. 62-83.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, v.14, n. 2, maio-ago. 2012.

_____. **Rádio** - Teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Summus, 2014b.

_____. **Inquietudes e tensionamentos**: pistas para a compreensão do rádio comercial em sua fase de convergência. In *Texto* (UFRGS. Online), v. -, p. 214-235, 2015.

FERRARETTO, Luiz Artur, KISCHINHEVSKY, Marcelo (Org.). **Enciclopédia Intercom de Comunicação** - Volume 1 (Edição do tema Radialismo). 1. ed. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis**: comprender los nuevos medios. Buenos Aires: Granica, 1998. p. 27-67.

FLECK, Paloma da Silveira. Radiojornalismo e convergência: um estudo do uso das redes sociais nas rádios CBN, de São Paulo, e Gaúcha, de Porto Alegre, nas eleições de 2014. **Sa-**

lão de Iniciação Científica (27. : 2015 out. 19-23 : UFRGS, Porto Alegre, RS). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/135844>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. A economia política e os estudos de comunicação. **Verso & Reverso**, São Leopoldo, ano XXI, n. 48, 2007/3. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/versoereverso/article/viewArticle/5761/5219>>.

GOMES, Rafael de Jesus. **O uso de dispositivos móveis no processo de produção de notícias**: um estudo de caso na Rádio Independente 950 AM de Lajeado/RS. Santa Maria, 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em:

<http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7812>.

Acesso em: 10 abr. 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

JOSÉ ALBERTO SANTOS ANDRADE. Repórter da Rádio Gaúcha. Entrevista pessoal em 2 de jun. de 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. v. 1. 152p.

LOPEZ, Débora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. 01. ed. Covilhã: Livros LabCom, 2010. v. 01. 159p. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf>

LOPEZ, Débora Cristina. **Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil**: uma revisão histórica. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 2009, Fortaleza. Anais do VII Encontro Nacional de História da Mídia. São Paulo: Rede Alcar, 2009. v. 01.

MARTÍNEZ-COSTA, Maria Del Pilar. **Un nuevo paradigma para la radio**. Sobre convergencias y divergencias digitales. In: MARTINEZ-COSTA, María Del Pilar (coord). *Reinventar La Radio*. Pamplona: Eunate, 2001.

MATHEUS RIBEIRO D'ÁVILA. Repórter da Rádio Grenal. Entrevista pessoal em 31 de maio de 2017.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **Historia de las teorías de la comunicación**. Barcelona: Paidós, 1997. p. 78-88.

MEDITSCH, Eduardo. A informação sonora na webmergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: MAGNONI Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Francisco de (Org.). **Novo rádio**: cenário da radiodifusão na era digital. São Paulo: Senac, 2010. p. 203-238.

MOSCO, Vincent. Repensando e renovando a economia política da informação. **Perspectivas em ciência da informação**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 3, n. 2, p. 97-114, jul.-dez. 1998.

PAGNO, Marina. **Os critérios de noticiabilidade na construção do programa *Esporte & Cia, da Rádio Gaúcha***. Porto Alegre, 2015. Monografia (Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/125984>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

PERUZZO, Cicilia M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: Jorge Duarte e Antonio Barros (Org.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, v. 1, p. 125-145.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: Uma teoria social da mídia. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

RODRIGO MARTINS DE OLIVEIRA. Repórter da Rádio Gaúcha. Entrevista pessoal em 1º de jun. de 2017.

RUTILLI, Marizandra. **Rotinas produtivas e relação com as fontes no rádio informativo em ambiente de convergência**: um estudo de caso de emissoras de Porto Alegre. Santa Maria, 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em:

<http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6958>.

Acesso em: 10 abr. 2017.

SANTOS, Geórgia Pelissaro. A mudança nas rotinas produtivas do radiojornalismo a partir do uso do Twitter: o caso da Rádio Gaúcha. Porto Alegre, 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em:

<<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5579/1/000452827-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

SANTOS, Ricardo Augusto Pereira. Rádio Grenal, futebol e participação do ouvinte na fase de convergência: uma análise dos programas Café com Futebol e Grenal Futebol Clube. **Sa-lão de Iniciação Científica** (28. : 2016 set. 12-16 : UFRGS, Porto Alegre, RS). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/153904>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

SÉRGIO BOAZ DIAS. Repórter da Rádio Gaúcha. Entrevista pessoal em 1º de jun. de 2017.

TEIXEIRA, Carolina das Neves. **Reposicionamento mercadológico do Sala de Redação**: Uma estratégia de reforço da marca na fase de convergência. Porto Alegre, 2015. Monografia (Curso de Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/135458>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Da sociologia dos emissores ao newsmaking. p.177-249. 2006.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar**: A história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, Ed da UFSC, 2012.

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu _____ (nome _____ do(a) entrevistado(a)).....
Diego Presença Rossi....., abaixo assinado(a), autorizo
 (nome _____ do(a) estudante).....Luípe Carvalho Kunrath.....
 estudante de (nome do curso).....Jornalismo....., da Faculdade de Biblioteconomia e
 Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim
 prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como
 títuloO whatsapp na rotina de trabalho de repórter esportivo: um estudo com
profissionais das rádios Gricha e Grinal..... e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
 Dr.(a.).....Luiz Artur Ferraretto.....

Porto Alegre, 26 de Maio..... de 20 17 ..

 Assinatura do entrevistado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)).....*Matheus Ribeiro D'Ávila*.....
 abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a) estudante).....*Filipe Kunrath*.....
 estudante de (nome do curso).....*Journalismo*....., da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título *O whatsapp na rotina de trabalho do repórter reportagens, um estudo com profissionais das rádios Gaúcha e Gernal*..... e está sendo orientado por/pela Prof.(a.) Dr.(a.).....*Luiz Artur Ferrazatto*.....

Porto Alegre, *31* de *Maio*..... de 20 *17* .

Matheus R. D'Ávila

Assinatura do entrevistado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)).....RODRIGO MARTINI DE OLIVEIRA.....
....., abaixo assinado(a), autorizo
(nome do(a) estudante).....FILIPPE CANDIAO KUNRATM.....
estudante de (nome do curso).....JORNALISMO....., da Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim
prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como
título O whatsapp na rotina de trabalho do repórter esportivo:
um estudo com
profissionais das mídias Gaúcha e Grenal
Dr.(a.).....Luiz Actor Ferrazatto..... e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)

Porto Alegre,1..... deJUNHO..... de 20 17 ..

Assinatura do entrevistado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)).....
 SERGIO BOAZ DIAS
, abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a) estudante).....
 FILIPE KUNRATH
 estudante de (nome do curso)....., da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título @whatsapp na rotina de trabalho de repórter esportivo em estado com profissionais.....
 das mídias sociais e jornal..... e está sendo orientado por/pela Prof.(a.) Dr.(a.) Luiz Arthur Ferrarito

Porto Alegre, 1 de JUNHO de 20 14 .

Assinatura do entrevistado



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a))..... JOSÉ ALBERTO SANTOS DE ARAÚJO.....
....., abaixo assinado(a), autorizo
(nome do(a) estudante)..... FELIPE KUNERTH.....
estudante de (nome do curso)....., da Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim
prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como
título O whatsapp na rotina de trabalho de repórter esportivo em estudo
com profissionais.....
das mídias Goveha e Gernal..... e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
Dr.(a.) Luiz Arthur Ferrazetto.....

Porto Alegre, 02 de Junho de 2017.

Assinatura do entrevistado